

INSTITUTO SÃO CARLOS BORROMEU

ENSINO MÉDIO

– 3º ANO –

ENSINO RELIGIOSO

VOLUME ÚNICO

Apostila do 3º ano do Ensino Médio, escrita pelo Instituto São Carlos Borromeu. O conteúdo é indicado para estudo individual domiciliar, apoio escolar ou como material didático escolar.



ENSINO RELIGIOSO



AULA 02

O ESTADO RELIGIOSO

Orações iniciais, descritas no início do conteúdo desta disciplina.

Sumário: Nesta aula falaremos sobre a Vida Religiosa, destacando a importância dos votos de pobreza, castidade e obediência. Existem responsabilidades específicas que são conferidas aos diferentes estados de vida. Aqui destacamos a necessidade de compreender claramente a distinção entre as vocações religiosa e matrimonial. A Vida Religiosa se destaca por um compromisso profundo e abrangente. O desapego material e a atenção ao progresso espiritual é o destaque na Vida Religiosa. O sofrimento é o meio da purificação e do crescimento espiritual.

AS PRERROGATIVAS DO ESTADO RELIGIOSO

“Se queres ser perfeito, vai, vende o que tens, e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; depois vem e segue-me” (Mt 19, 21).



Existem muitos equívocos quanto ao estado de vida religioso, principalmente nos tempos atuais, onde o homem parece se distanciar ainda mais da virtude da religião, especialmente da fé católica ensinada por Jesus Cristo. Um outro fator que colabora com esta confusão, é que muitos leigos têm assumido funções e cargos na Igreja – com desenvoltura e graça –, porém, aceitando essas responsabilidades sem necessariamente conhecer a Doutrina da Igreja, a Tradição, e até mesmo a Palavra. A presença ativa dos leigos na Igreja é valiosa e necessária. A Vida Religiosa implica em um compromisso mais profundo e abrangente com os votos de pobreza, castidade e obediência.

A ordem de Cristo ao jovem rico (Mt 19, 21) é clara e precisa: *vai, vende o que tens e dá-o aos pobres*. Ora, este compromisso com Cristo não pode ser negligenciado por aquele que aspira à vocação religiosa. Contudo, essa vocação particular não se estende àqueles que possuem responsabilidades com o matrimônio ou outros deveres no mundo secular. Enquanto os religiosos se comprometem a seguir os votos de pobreza, castidade e obediência, os leigos, os casados, são chamados a viver sua vocação de maneira santa no mundo, refletindo a luz da Vida Religiosa, mas cumprindo suas próprias responsabilidades. A Vida Religiosa, portanto, é um chamado especial que exige um desprendimento profundo e uma

dedicação total a Deus, servindo como um farol espiritual para todos os que buscam a santidade em diferentes estados de vida.

Muitas vezes, os compromissos firmados são negligenciados, as atribuições próprias de cada estado de vida são desprezadas, em vista de um progresso imprudente na fé e naquilo que concerne a ela. Nos dias atuais, é comum vermos leigos assumindo funções na Igreja que somente os presbíteros deveriam realizar, ou ainda, muitos religiosos vivendo uma vida próxima do secularismo, sem cumprir os votos de pobreza, castidade e obediência que caracterizam o seu estado religioso. Essas situações podem, em alguns casos, resultar em uma diluição dos princípios e valores espirituais que são fundamentais para o crescimento da fé e para a autenticidade da Vida Religiosa.

Conforme seguimos avançando no texto desta aula, vamos entendendo, de uma maneira mais própria, as responsabilidades que estão atreladas a cada estado de vida em particular.

Este estudo é dedicado a todos aqueles que, na tenra idade, começam a olhar para a Vida Religiosa com um certo grau de “enamoramento”. Também os que desejam constituir família e são vocacionados ao Sacramento do Matrimônio, devem ter duas noções claras: a primeira é que o matrimônio, sem a graça de Deus, ou seja, sem a força de Deus, está fadado ao fracasso, pois a vocação matrimonial preenche este mundo com a bênção de Deus, assim como Ele abençoou Abraão, prometendo-lhe uma descendência numerosa e uma terra que seria herança para seus descendentes. A bênção divina sustenta e fortalece a união conjugal, permitindo que os cônjuges cresçam em amor, respeito e fidelidade, enfrentando juntos os desafios da vida e colaborando mutuamente na educação dos filhos para a plena realização na vida eterna. A segunda é que todas as esferas da vida, necessitam do exemplo da Vida Religiosa em seu estado pleno, ou seja, daqueles que deixaram tudo para seguir um chamado pessoal do Senhor.

A Vida Religiosa tem um sentido mais profundo. Vamos entender um pouco melhor na descrição de Santa Teresa d'Ávila, no livro Caminho da Perfeição:

“Torno a dizer que consiste tudo, ou grande parte, em perder o cuidado de nós mesmos e das nossas comodidades, pois, quem de verdade começa a servir ao Senhor, o menos que Lhe pode oferecer, é a vida. Se já lhe deu a sua vontade, que teme? Claro está que, se é verdadeiro religioso ou homem de oração e pretende gozar favores de Deus, não há-de voltar as costas ao desejo de morrer por Ele e sofrer martírio. Pois não sabeis, irmãs, que a vida do bom religioso, que quer ser dos amigos mais chegados de Deus é um longo martírio? Longo, porque, para comparar aos que de pronto eram degolados, pode-se chamar longo; mas toda a vida é curta e algumas curtíssimas. E que sabemos nós se a teremos tão curta, que na hora ou momento em que nos determinamos a servir de todo a Deus, logo se acaba? Seria possível; enfim, de tudo o que tem fim, não se deve fazer caso; e pensando que cada hora é a derradeira, quem não há-de trabalhar? Pois, acreditai-me, que pensar isto é o mais seguro. Por isso, esforcemo-nos a contradizer em tudo a nossa vontade; que se tendes esse cuidado, como disse, pouco a pouco, sem saber como, achar-vos-eis no cume. Mas, que grande rigor parece este dizer que não tomemos prazer em nada, porque não se

dizem os gostos e deleites que traz consigo esta contradição e o que se ganha com ela ainda mesmo nesta vida! Que segurança! Aqui, como todas o fazeis, o pior está feito; umas às outras se despertam e ajudam. Nisto há-de cada uma procurar ir à frente das outras.”

Note, que há uma menção sobre os legítimos sacerdotes da Igreja no Catecismo de São Pio X (151). Os legítimos Pastores da Igreja são o Pontífice Romano, isto é, o Papa, que é o Pastor universal, e os Bispos. Além disso, sob a dependência dos Bispos e do Papa, têm parte no ofício de Pastores, os outros Sacerdotes e especialmente os párocos. No Catecismo Romano, os Sacerdotes são aqueles que, por meio de assíduas preces, recomendam o povo a Deus. São eles que oferecem sacrifícios a Deus, e aplicam pelo povo o poder de sua intercessão. *“Ora, quando veio a este mundo, Nosso Salvador Jesus Cristo tomou sobre Si o triplice encargo e função de profeta, de sacerdote e de rei. Por esse motivo é que foi chamado ‘Cristo’, e ungido para o desempenho daqueles ministérios. Não o foi, contudo, por obra de nenhum mortal, mas pela virtude do Pai Celeste. Não o foi com uma unção de óleo terrestre, mas de óleo espiritual, quando em Sua Alma santíssima se derramaram a graça, a plenitude e os dons do Espírito Santo, em tal superabundância que nenhuma outra criatura a poderia jamais comportar.”* (Catecismo Romano, parte I, 2º Artigo §§ 5-7).

A QUE SE COMPARA O ESTADO DE VIDA DO RELIGIOSO

Moisés dirigiu as seguintes palavras ao Senhor, após ter feito os hebreus saírem do Egito: “Vós fostes, na vossa misericórdia, o guia do povo que resgatastes e o conduzistes, por vossa fortaleza, à vossa santa habitação” (Ex 15, 13).

A oração dita por Moisés, inspirada por Deus e destinada a Deus, em favor do povo, é a vocação principal do religioso. Os religiosos são os favoritos do Senhor, assim como o Seu povo era o favorito. Israel saiu do Egito guiado por uma coluna de fogo, da mesma forma que a luz do Espírito Santo conduz as almas do estado religioso.

Israel foi conduzido à Terra Prometida. O estado religioso conduz à pátria bem-aventurada do Céu. No Céu não há desejo de bens terrestres, prazeres sensuais e vontade própria. No estado religioso esses desejos são superados pelos votos de pobreza, castidade e obediência. No Céu, ocupa-se somente com o louvor de Deus; cá na terra, o mesmo se dá no estado religioso, onde tudo visa o louvor de Deus.

“Poderá ser que digam, ‘por que ponho tanto empenho nisto’ e ‘estou com tanto rigor’; ‘que Deus faz mercês a quem não está tão desprendido’. Eu creio que, com Sua sabedoria infinita, vê que assim convém para levá-los a deixarem tudo por Ele. Não chamo ‘deixar tudo’, o entrar na Vida Religiosa; que pode haver impedimentos e em qualquer parte a alma perfeita pode ser desprendida e humilde, embora com mais trabalho, que grande coisa são os meios da vida religiosa. Mas creiam-me numa coisa: se há ponto de honra ou de fazenda (e isto também pode havê-lo nos conventos como fora, ainda que mais afastadas estão aqui das ocasiões e maior seria a culpa), embora tenham anos de oração (ou, para melhor dizer, de consideração porque, enfim, a oração perfeita acaba com estes ressaibos), nunca hão-

de medrar muito nem chegar a gozar do verdadeiro fruto da oração. Vede se vos toca nisto alguma coisa, irmãs, porque não estais aqui para outra coisa. Não ficareis mais honradas, e o proveito perdido para o que poderíeis mais ganhar. Assim, desonra e prejuízo cabem aqui juntos” (Caminho da Perfeição, Santa Teresa d’Ávila).

Santa Teresa mostra a importância do desapego material e do foco espiritual na Vida Religiosa. A Vida Religiosa é austera. A sabedoria divina compreende que esse rigor é necessário para levar aqueles que são vocacionados à vida religiosa a abandonarem tudo em favor de Deus.

Isto não é possível àqueles que estão presos a certos deveres de estado de vida, o que não é indigno. Contudo, aquele que adere à Vida Religiosa, conduzido pelo Espírito Santo, progride espiritualmente quando abandona tudo – aquilo que não vale nada – para alcançar Aquele que vale tudo. Assim, essa pessoa progredirá muito, espiritualmente e experimentará o verdadeiro fruto da oração.

A verdadeira vida de oração e a perfeição espiritual requer desapego dos apegos materiais e egoístas –independentemente do estado de vida. Santa Teresa demonstra que mesmo dentro dos conventos, podem existir obstáculos materiais e pontos de honra que precisam ser superados para alcançar uma verdadeira proximidade com Deus. Aqueles que estão propensos à Vida Religiosa, devem refletir sobre a necessidade do desprendimento, suplicar constantemente por essa graça e manifestar em atos concretos a busca por isso, pois a busca pela honra e riqueza é contraproducente para a vida espiritual, resultando em desonra e prejuízo para aqueles que buscam a perfeição espiritual no estado de vida religioso.

São Bernardo de Claraval diz sobre as vantagens do estado de vida religioso: “*Não é esse um santo estado no qual vive o homem mais puramente, mas raramente cai, mais depressa se levanta, anda mais precavido, sendo mais a miúdo refrigerado pelo orvalho, goza de uma paz mais segura, mais confiadamente morre, sendo mais depressa purificado e recompensado?*”

SOBRE A PUREZA DE VIDA NO ESTADO RELIGIOSO

A indagação de São Bernado de Claraval nos leva a considerar alguns aspectos do estado de vida religioso. A saber:

Da pureza que se vive no estado religioso: a pureza das obras consiste exclusivamente de praticá-las com a intenção de agradar a Deus. Nisto há de se entender que quanto maior a influência da vontade de Deus sobre a nossa vontade própria, mais agradável ela é ao Senhor. Essa pureza das obras se encontra em grau muito mais elevado nos religiosos do que nos seculares. Um fiel devoto dedica-se à religião conforme sua necessidade e vontade. O religioso, porém, faz esses atos quando Deus mesmo o quer, pois é o próprio Deus que lhe fala através de seus superiores. Por isso, quando o religioso observa as suas regras e obedece aos seus superiores, não somente obtém merecimentos na meditação e nos outros exercícios de piedade, mas também quando trabalha, quando serve, quando come, se recreia

ou descansa, porque não obedece aos impulsos próprios, mas por obediência faz tudo isso, cumprindo, em tudo, a vontade de Deus.

No convento, a luz que brilha é Cristo, por isso, aqueles que saíram do mundo para ali ingressar, perderam o brilho junto dos religiosos, para brilhar de uma forma mais reluzente a luz de Cristo. Dizia São João Apóstolo: *“no mundo só há cobiça de prazeres sensuais, de riquezas e de honras”* (1 Jo 2, 16). Santo Antão viu esse mundo cheio de ciladas. Os votos que são feitos, secam essas fontes envenenadas e impedem a entrada dos prazeres sensuais, pela cobiça das riquezas e a ambição das honras vãs.

No mundo, aqueles que são chamados a viver, também têm a obrigação de não se debruçar sobre os apegos materiais ou mesmo espirituais, contudo, necessitam especialmente do exemplo, da intercessão e da obra daqueles que deixaram o mundo por completo. São João diz: “o mundo está sob o poder do maligno” (1 Jo 5, 19), e Santo Ambrósio explica: “todos os homens no mundo vivem sob o triste e tirânico jugo do pecado”.

As atenções humanas, os maus exemplos, as más companhias são incentivos poderosos que arrastam os homens a se apegarem aos bens da terra e se afastarem de Deus. Todos sabem que as más ocasiões, em que o mundo está cheio, lançam inúmeras almas na perdição. *“Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela”* (Mt 7, 13). Santa Maria Madalena de Pazzi beijava, às vezes, a parede de sua cela, dizendo: *“ó queridas paredes, de quantos perigos vós me preservais!”*. Por isso, **cai-se mais raramente no estado religioso.**

De outra forma, **levanta-se mais depressa no estado religioso.** Se um religioso cair em um pecado, ele tem à sua disposição meios poderosos para se erguer rapidamente: a regra que o obriga à confissão, a meditação que lhe traz à memória as verdades eternas, o bom exemplo dos outros, as admoestações dos superiores, o silêncio, o trabalho, etc. Todas essas ocasiões são excelentes meios de emenda. Se cai, outro auxilia a erguer-se.

Um religioso possui meios eficazes para conseguir manter-se em seu estado. Por isso se anda mais precavido. Ele é observado incessantemente por muitos olhos e, se comete alguma falta, não lhe faltam pessoas que o repreendam, para que entre em si. Esse auxílio é em vista da salvação eterna, a finalidade da vida humana. Aos olhos de qualquer cristão fervoroso, é o maior bem que todas as grandezas e riquezas desta terra.

Porquanto um religioso, quando cai, vê melhor sua fraqueza. Humilha-se ainda mais, desconfia de si mesmo e aprende a recorrer mais vezes e mais confiadamente a Jesus Cristo e em sua Mãe. O estado religioso é **refrigerado pelo orvalho da graça.** Ele é agraciado com muitas luzes, consolações interiores, através da Santa Comunhão, através do coro, nas visitas ao Santíssimo Sacramento, na cela, diante do crucifixo, etc. Essas consolações nutrem a terra na qual o religioso está plantado. Esta planta é abundantemente regada pelo orvalho celeste.

Os religiosos, portanto, devem ser gratos a Nosso Senhor e Nossa Senhora pela graça de sua vocação. Assim, gozará de uma paz mais segura no seu estado. A paz da alma é o bem mais precioso que todos os outros. Que tem o homem se possui tudo, mas não está em paz? É preferível aquele que não goza de nenhum bem, mas acha-se em paz no coração, do que

aquele que possui todos os bens materiais e intelectuais, mas não goza disto. Poderá o mundo dar esta paz?

A regra, para os religiosos, é o meio pelo qual eles obterão a paz. Aí gozará ele, se procurar vencer suas paixões pela mortificação e morrer a si mesmo. Em tudo procurará agradar a Deus.

O SOFRIMENTO QUE O RELIGIOSO DEVE PASSAR

As mais belas pedras preciosas, que brilham nas coroas dos Santos no céu são os sofrimentos que se assemelharam ao de Cristo e que, estes, souberam sofrer com paciência e resignação na vontade de Deus.

“As ditosas almas destinadas a chegar a este estado de perfeição, devem, de ordinário, afrontar trevas tão profundas, suportar sofrimentos físicos e morais tão dolorosos, que a inteligência humana é incapaz de compreendê-los e a palavra de exprimi-los. Somente aquele que por isso passa saberá senti-lo, sem, todavia, poder defini-lo” (São João da Cruz, Noite escura da alma).

Aqueles religiosos que procuram satisfação e consolação nas criaturas, não são tão felizes como aqueles que se mortificam generosamente. Somente Deus pode contentar o coração. Os sofrimentos tanto são frutos da graça quanto dos bens espirituais, os quais são necessários para poder suportá-los.

A pobreza, as humilhações, as penitências, o desapego do mundo, tornam o sofrimento doce e amável e aumentam a esperança da bem-aventurança, que é a única verdadeira felicidade e que não terá fim. Aconselha Santa Teresa:

“Se estais em trabalhos ou tristes, vede-O a caminho do Horto: que aflição tão grande levava em sua alma, pois, com ser a mesma paciência, confessa essa aflição e dela se queixa. Ou vede-O atado à coluna, cheio de dores, Sua carne toda feita em pedaços pelo muito que vos ama; tanto padecer, perseguido por uns, cuspidor por outros, negado pelos Seus amigos, desamparado por eles, sem ninguém que seja por Ele, gelado de frio, posto em tanta solidão que um com o outro vos podeis consolar. Ou vede-O carregado com a Cruz, que nem O deixavam tomar fôlego. Olhar-vos-á, com olhos tão formosos e piedosos, cheios de lágrimas, e oferecerá Suas dores para consolar as vossas, só por irdes consolar-vos com Ele e voltardes a cabeça a fitá-IO.”

“Lembre-mos dos nossos antigos santos Padres eremitas cuja vida pretendemos imitar; quantas dores passavam a sós: frio, fome, sol e calor, sem terem a quem se queixar, senão a Deus! Pensais que eram de ferro? Pois eram tão delicados como nós.”

Santa Teresa fala da importância de aceitar e suportar o sofrimento por amor a Deus. O sofrimento é uma forma de purificação da alma e um meio para alcançar a graça divina. A paciência e a humildade são virtudes necessárias para enfrentar o sofrimento, e são oportunidades para o crescimento espiritual.

Por isso, sabe-se que **o religioso que vive desta forma, abrevia o purgatório**. Eles expiam, durante a vida, por meio de suas orações, santas comunhões, mortificações e outros exercícios piedosos que praticam diariamente e segundo a sua regra. Também se diz que um religioso **será recompensado mais largamente**. Quão maior se é o sacrifício para obter a

recompensa, maior será o mérito de alcançá-la. Jesus Cristo prometeu àquele que abandona tudo por Seu amor, o cêntuplo neste mundo e a vida eterna no outro.

O mártir submete-se aos tormentos para não perder a sua alma. O religioso, entretanto, suporta-os para tornar-se mais agradável a Deus.

Todas as mortificações, todos os trabalhos e penas desta vida, terão um fim, e então seguirão as alegrias do Céu, que nada deixam a desejar e duram eternamente, sem que se precise temer que elas uma vez hajam de terminar ou diminuir.

O sofrimento é essencial no caminho espiritual. Daí o conselho dos Santos, especialmente o de Santa Teresa, de aceitar o sofrimento com paciência, humildade e confiança em Deus. Não há outra oportunidade para a purificação e crescimento espiritual senão pelo sofrimento. É o meio para alcançar a graça divina e assemelhar-se a Cristo. Cada obstáculo nesta vida, deve fazer vislumbrar a recompensa eterna que aguarda aqueles que suportam as tribulações com fé e amor a Deus.

LIÇÃO PIEDOSA

Faça um resumo do capítulo em seu caderno, destacando os pontos abaixo:

1. Prerrogativas do Estado Religioso:

- Equívocos comuns sobre a Vida Religiosa.
- Destaque para os votos de pobreza, castidade e obediência.

2. Responsabilidades dos Diferentes Estados de Vida:

- Comparação entre a Vida Religiosa e outras vocações.
- A importância do exemplo da Vida Religiosa.

3. Comparação do Estado de Vida do Religioso:

- Paralelo entre Israel e a vida dos religiosos.
- Ênfase na busca pela paz e no desapego material.

4. Sofrimento no Estado Religioso:

- O sofrimento como meio de purificação e crescimento espiritual.
- A importância da aceitação do sofrimento com paciência e confiança em Deus.
- A promessa de recompensa eterna para aqueles que suportam as tribulações com fé e amor a Deus.

ORAÇÃO FINAL

† Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Meu Senhor Jesus Cristo, que para me alcançardes uma boa morte, escolheste para Vós uma morte tão amargosa, já que me amastes a ponto de me escolherdes para seguir mais de

perto as vossas pegadas, a fim de me verdes assim mais unido e apertado ao vosso Coração amantíssimo; prendei-me agora, Vo-lo peço, todo a Vós com os doces laços de vosso amor, a fim de que nunca mais me aparte de Vós. Meu amado Redentor, desejo ser-Vos grato e responder a tão grande graça; mas, por causa de minha fraqueza, temo ser-Vos infiel. Jesus meu, não o permitais: deixai-me morrer antes do que abandonar-Vos e esquecer-me do afeto especial que me tendes havido.

Amo-Vos, meu amado Salvador; Vós sois e sereis sempre o único Senhor do meu coração e da minha alma. Deixo tudo e escolho-Vos, só a Vós, por meu único tesouro, ó Cordeirinho puríssimo de Deus, ó meu afetuossíssimo Amador! Ide-vos embora, ó criaturas: o meu único bem é meu Deus! Ele é o meu único amor, o meu tudo. Amo-Vos, ó Jesus meu e em amar-Vos quero empregar todo o resto da minha vida, quer seja breve, quer longa. Abraço-Vos e aperto-Vos ao meu coração e abraçado convosco quero morrer. É esta a graça que Vos peço, não quero outra. Fazei com que eu viva sempre abrasado em vosso amor e quando chegar o fim de minha vida, fazei-me expirar num ato de amor ardente para convosco. — Imaculada Virgem Maria, obtende-me esta graça: de vós a espero.

Ave Maria, cheia de Graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora de nossa morte. Amém.

† Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.





AULA 05

A CASTIDADE

Orações iniciais, descritas no início do conteúdo desta disciplina.

Sumário: *Nesta aula, veremos como a castidade é uma virtude fundamental para a vida espiritual. São Francisco de Sales e Santo Afonso Maria de Ligório chamam a castidade “o lírio entre as virtudes”, que nos torna semelhantes aos anjos. A virtude é associada à pureza, à honestidade e à integridade, sendo um ornamento para a alma e o corpo. A castidade não se limita à abstinência de prazeres impuros, mas também envolve a moderação e o controle, mesmo no matrimônio. Além disso, ela é uma virtude necessária em todos os estados de vida, seja no estado virginal, no matrimônio ou na viuvez. O exemplo de santos e mártires, que sacrificaram suas vidas para manter a castidade é inspirador, pois a castidade é uma virtude essencial para alcançar a santidade e a visão de Deus.*

O CORAÇÃO INDIVISO

“Apliquemo-nos com simplicidade e humildade às pequenas virtudes que Nosso Senhor, dando-nos a sua graça, quer que nos esforcemos por conquistar. Tais como a paciência, a benignidade, a mortificação do coração, a humildade, a obediência, a pobreza, a castidade, a afabilidade para com o próximo, a paciência com nossas imperfeições e o santo fervor. Deixemos de bom grado essas virtudes extraordinárias às almas grandes e muito superiores a nós” (São Francisco de Sales).



castidade é a vida da alma, aquela que conforma o coração humano ao Sacratíssimo Coração de Nosso Senhor Jesus Cristo. O Espírito Santo, que age em nós, reconhece o grande valor dessa virtude e frutifica na alma os incontáveis bens que esta graça produz. Por isso, Santo Afonso Maria de Ligório diz que a nenhuma riqueza, honra e dignidade desta terra se compara a castidade.

Santo Efrém diz que a castidade é a vida do espírito e São Pedro Damiano, que é rainha das virtudes. São Cipriano considera a castidade um meio para alcançar os triunfos mais esplêndidos.

Aquele que vence os obstáculos e vícios opostos à castidade, terá mais força e facilidade para superar todos os outros vícios que obscurecem a alma. Aquele que se entrega à impureza

pode cair em muitos outros males, incluindo o ódio, a injustiça e o sacrilégio, que é o maior pecado que o homem pode cometer.

A castidade torna o homem semelhante aos anjos, que vivem isentos dos deleites carnis. Por isso que, uma alma que consagra sua virgindade a Deus, torna-se esposa de Jesus Cristo. É importante lembrar que essa vocação é um chamado particular para alguns, ou seja, para aqueles que o Senhor escolheu para si, para multiplicar os efeitos da Sua graça em nosso meio. A semelhança com Deus, no entanto, se faz mais pela pureza, própria da castidade, porque Deus é puro espírito.

A castidade, no sentido geral, é própria do homem espiritual, porque crucificou a carne e as suas paixões (Cf. Gl 5, 24-26). Ele, que nasceu do alto, aspira as ações mais elevadas, buscando multiplicar os bens que recebeu do Senhor. A matéria pelo qual a castidade age é mais propriamente o corpo, pois tem como função fazer-nos usar moderadamente os membros corporais segundo o juízo da razão e a eleição da vontade.

A alma deve perseverar na vontade de ser casta enquanto o corpo deve ser santificado segundo ela. Por isso Santo Tomás diz que a virtude da castidade é companheira da virtude da fortaleza, pois nos ensina a tolerarmos qualquer mal e não consentir nele.

O que torna o homem casto não é o desejo que se tem pela castidade, mas sim a prática que é imposta, pois as virtudes se diferem por seus deveres, ou melhor, pelos seus atos, pois a finalidade da castidade é o próprio ato de ser casto. Os frutos que deleitamos do ato da castidade são inúmeros, enquanto a castidade permanecer como obra da razão.

Os Santos da Igreja falaram magnificamente das virtudes e as praticaram com especial dileção. Ao contrário, os mundanos, os filósofos pagãos e muitos outros iníquos de todas as épocas, cegaram os olhos da alma, propondo práticas contrárias à castidade. Em suas falas vãs, não há verdadeira ciência, pois a ciência autêntica é manifesta pela ação do Espírito Santo, que só Ele distribui às almas humildes.

Na humanidade não faltaram teólogos santos que disseram maravilhas das virtudes e as praticaram. Muitas santas mulheres também souberam exercitar-se nelas, conservando a sua virgindade, outras em ter um coração puro e limpo e outras ainda em viver a castidade conjugal, como o caso de Santa Cecília. Quem lhes havia dado este dom da ciência para discernir o bem do mal, o vício da virtude, senão o Espírito Santo?

Para praticar a virtude, portanto, deve-te colocar na presença do Espírito Santo, humilhando-te. Ele te ensinará e te tornará sábio (Cf. Imitação de Cristo).

“Sem dúvida já vimos santas admiravelmente sábias em sua ignorância, e admiravelmente ignorantes em sua ciência. O mal da ciência é a presunção que torna os espíritos inflados e hidrôpicos, como são de ordinário os sábios do mundo. Oh! que ignorância nesta ciência! Santa Catarina, mártir, foi muito sábia, mas sua ciência era humilde ao pé da Cruz. Outras santas foram ignorantes, mas em sua ignorância elas foram admiravelmente sábias, como Santa Catarina de Gênova. Era o Santo Espírito que as tornava sábias, e, porque elas tinham o temor de Deus, a piedade e a humildade, Deus lhes fez este rico presente do dom da ciência, que Eva tanto

desejou, mas, por orgulho, para ser semelhante a Deus” (II e Sermon pour la Pentecôte, V, 37).

Tomemos o exemplo dos Santos: o que fizeram eles para amar a Deus e ser devotos? Esses mártires foram invencíveis em suas resoluções! Quantos tormentos sofreram para manter a castidade, para guardar a fé e conservarem-se puros diante de Deus? Sobretudo as belas e jovens damas, mais brancas do que os lírios em pureza, mais vermelhas do que a rosa em caridade.

A bem-aventurada Albertina Berkenbrock, jovem que foi martirizada aos 12 anos de idade por defender a sua virgindade. Santa Eulália foi torturada 13 vezes, a mesma quantidade que tinha de anos de vida. Segundo a tradição, antes de morrer, foi chicoteada, queimada, cortado os seios, esfregada com pedras, derramaram óleo quente sobre ela, rolada nas ruas dentro de um barril, jogada aos vermes, arrastada em um carro de bois, despida em público, exposta à neve, pregada numa cruz no formato de X e, por fim, decapitada. Ao morrer, saiu de seu pescoço uma imagem reluzente de pomba. Muitos, que viram os anjos levando a sua alma para o Céu, se converteram diante de tais milagres.

Santa Maria Goretti, estava em oração em sua casa, tentou ser dissuadida e seduzida por um jovem de maior estatura e idade. A Santa resistiu com um grande não. Alessandro, então, lhe golpeou com 14 facadas, tirando-lhe a vida. Suas últimas palavras à sua mãe foram: “Sim, o perdoo... Lá no céu, rogarei para que ele se arrependa... Quero que ele esteja junto comigo na glória eterna”. Com apenas 12 anos, Santa Maria Goretti manteve-se pura e santa por causa do seu amor a Deus, por isso, reina na glória com Cristo.

O martírio desta jovem casta, de apenas 12 anos, foi a causa da conversão do jovem assassino, que, depois de sair da cadeia, esteve com as 400 mil pessoas, na Praça de São Pedro, na ocasião da canonização da santa, ao lado da mãe dela, que o perdoou também.

Estas jovens almas conservaram-se puras diante de Deus e sofreram mil tipos de martírios para não renunciar à sua resolução, não somente quanto à profissão da fé, mas quanto ao protesto da devoção: morrendo para não perder a virgindade.

EXCERTO: A NECESSIDADE DA CASTIDADE

São Francisco de Sales

A castidade é o lírio entre as virtudes, e já nesta vida nos torna semelhantes aos anjos. Nada há de mais belo que a pureza, e a pureza dos homens é a castidade. Chama-se a esta virtude honestidade; e à sua prática, honra. Denomina-se também integridade; e o vício contrário, corrupção. Em uma palavra, entre as virtudes, esta tem a glória de ser o ornamento da alma e do corpo ao mesmo tempo.

Nunca é lícito usar dos sentidos para um prazer impuro, de qualquer maneira que seja, a não ser num legítimo matrimônio, cuja santidade possa, por uma justa compensação, reparar o desaire que a deleitação importa. E no próprio casamento ainda se há de guardar a honestidade da intenção, para que, se houver alguma imperfeição no prazer, não haja senão

honestidade na vontade que o realiza. O coração puro é como a madrepérola, que não recebe uma gota de água que não venha do céu, pois ele não consente em nenhum prazer, afora o do matrimônio que é ordenado pelo Céu. Salvo isso, nem sequer nele pensa voluptuosa, voluntária e demoradamente.

Quanto ao primeiro grau desta virtude, Filoteia, não admitas a menor coisa de tudo aquilo que é proibido como desonesto, isto é, geralmente falando, todas as coisas semelhantes que se fazem fora do estado matrimonial ou no matrimônio contra as regras deste estado. Quanto ao segundo grau, restringe, quanto possível for, as deleitações supérfluas e inúteis, posto que honestas e permitidas. Quanto ao terceiro grau, não te afeições aos deleites necessários e de preceito; pois, embora seja necessário conformar-se aos que o são segundo a instituição e fim do matrimônio, não se deve apegar a eles o espírito e o coração. Demais, esta virtude é sumamente necessária a todos os estados. No da viuvez, a castidade deve ser de uma generosidade extrema, para precaver-se dos prazeres sensuais, não só quanto ao presente e ao futuro, mas também quanto ao passado; lembrando prazeres já havidos, a imaginação excita más impressões. É por isso que Santo Agostinho tanto se admirava da pureza de seu amado Alípio, que já não conservava nem o sentimento nem a lembrança de sua vida desregrada anterior. E, com efeito, é sabido que os frutos ainda inteiros se conservam facilmente por muito tempo; mas, se foram cortados ou machucados, o único meio de conservá-los é pô-los em conserva com açúcar ou mel. Do mesmo modo, eu digo que, enquanto a castidade estiver intacta, têm-se muitos meios de conservá-la; mas, uma vez perdida, só pode ser conservada pela devoção que, pelas suas doçuras, muitas vezes tenho comparado ao mel.

No estado virginal, a castidade exige uma muito grande simplicidade de alma e uma consciência muito delicada, para afastar toda sorte de pensamentos curiosos e elevar-se acima de todos os prazeres sensuais, por um desprezo absoluto e completo de tudo o que o homem tem de comum com os animais e que mais convém aos brutos do que a eles. Nem por pensamento duvidem essas almas que a castidade é muito superior a tudo o que é incompatível com a sua perfeição; pois o demônio, como diz S. Jerônimo, não podendo suportar esta salutar ignorância do prazer sensual, procura excitar nestas almas ao menos o desejo de conhecê-los e sugere-lhes ideias tão atraentes, embora inteiramente falsas, que muito as perturbam, levando-as, como acrescenta este santo padre, a dar imprudentemente grande estima ao que não conhecem. E' assim que muitos jovens, seduzidos pela ilusória e tola estima dos prazeres voluptuosos e por uma curiosidade sensual e inquieta, se entregam a uma vida desregrada, com perda completa dos seus interesses temporais e eternos; assemelham-se a borboletas que, pensando que o fogo é tão doce quanto belo, se atiram a ele e se queimam nas chamas.

Quanto aos casados, é certo que a castidade lhes é necessária, muito mais do que se pensa, pois a castidade deles não é uma abstenção absoluta dos prazeres carnavais, mas refrear-se neles. Ora, como aquele preceito – “Irai-vos e não pequeis” é, no meu entender, mais difícil que o outro – “Não vos ireis nunca” – por ser bem mais fácil evitar a raiva do que regrá-la, assim também é mais fácil a abstenção total dos prazeres carnavais do que a moderação neles. E' certo que a santa licença que o matrimônio confere tem uma força e virtude particular para

apagar a concupiscência, mas a fraqueza dos que usam dela passa facilmente da permissão à dissolução, do uso ao abuso. E como vemos muitos ricos roubarem, não por indigência, mas por avareza, também se vêem muitos casados excederem-se por intemperança e luxúria; porque a sua concupiscência é como um fogo cheio de veleidades, ardendo aqui e ali, sem se fixar em parte alguma.

É sempre perigoso tomar remédios violentos. Tomando-se demais, ou se não forem bem dosados, prejudicam imensamente. O matrimônio, entre outros fins, existe para remédio da concupiscência, e sem dúvida é ótimo remédio, mas violento e, por isso, perigoso, se não for usado com discrição.

Noto ainda que, além das longas doenças, os vários negócios separam muita vez os maridos de suas mulheres. E é por isso que os casados precisam de duas espécies de castidade: uma para a continência absoluta, naqueles casos de separação forçada, a outra, para a moderação quando estão juntos, na vida normal. Viu Santa Catarina de Sena muitos condenados no inferno sofrendo atrozmente pelas faltas contra a santidade matrimonial. E isso, dizia ela, não tanto pela enormidade do pecado, porque assassínios e blasfêmias são pecados muito maiores, mas porque os que caem naqueles não têm escrúpulos e continuam assim a cometê-los por muito tempo. Já vêes pois que a castidade é necessária para todos os estados. Segui a paz com todos – diz o apóstolo – e a santidade sem a qual ninguém verá a Deus. Ora, é de notar que por santidade ele entende aqui a castidade, como observam S. Jerônimo e S. Crisóstomo. Não, Filoteia, ninguém verá a Deus sem a castidade; em seus santos tabernáculos não habitará ninguém que não tenha o coração puro e, como diz Nosso Senhor mesmo, os cães e os desonestos serão desterrados dali; e: “Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus”.

ORAÇÃO FINAL

† Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Ó Deus, que constância mostrou esse sexo frágil em semelhantes ocorrências! Vê quantos santos confessores: com que força eles desprezaram o mundo! Como se tornaram invencíveis em suas resoluções! Nada pôde fazê-los desistir delas. Sem reserva abraçaram essas resoluções e as mantiveram sem exceção. Meu Deus, o que diz Santo Agostinho de sua mãe, Santa Mônica! Com que firmeza ela perseguiu sua meta de servir a Deus em seu casamento, em sua viuvez! E São Jerônimo, de sua querida filha Paula: entre quantos obstáculos, entre quantas variedades de acidentes! Mas o que faremos nós a exemplo desses tão insignes padroeiros? Eles eram o que nós somos e o faziam pelo mesmo Deus e pelas mesmas virtudes: por que não fazemos nós o mesmo em nossa condição, e segundo nossa vocação, para manter nossa resolução e santo protesto? (Introduction à la vie dévote, parte V, cap. XII, I, 285).

Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora da nossa morte. Amém.

† Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.





AULA 10

QUATRO GRAUS DA OBEDIÊNCIA

Orações iniciais, descritas no início do conteúdo desta disciplina.

Sumário: Nesta aula, destacamos a importância da obediência para atingir a perfeição espiritual. A obediência, juntamente com a castidade e a pobreza, são as principais virtudes que nos ajudam a alcançar a perfeição. A obediência consiste em seguir pronta, exata, alegre e simplesmente as ordens dos superiores, sejam elas necessárias ou voluntárias. São quatro os graus da obediência perfeita: obedecer pronta e exatamente, alegre e simplesmente, submetendo-se completamente à vontade de Deus. São Francisco de Sales destaca a importância de obedecer não apenas às autoridades religiosas, mas também às civis e domésticas. A obediência não apenas nos conduz à perfeição espiritual, mas também nos torna dignos das bênçãos de Deus.

PARA ATINGIR A OBEDIÊNCIA PERFEITA

Esta noite torna também as almas submissas e obedientes no caminho espiritual, pois, vendo-se tão miseráveis não somente ouvem o que lhes é ensinado, mas ainda desejam que qualquer pessoa o encaminhe e diga como devem proceder. Perdem a presunção afetiva que às vezes tinham na prosperidade. Finalmente, lhes vão sendo tiradas todas as outras imperfeições já referidas ao tratarmos do primeiro vício que é a soberba espiritual (São João da Cruz).



Um religioso que quer atingir a perfeição na obediência, deverá obedecer **pronta e exatamente, alegre e simplesmente** aquilo que o dever lhe impõe. São esses os degraus pelos quais se chega à obediência perfeita:

1. O primeiro degrau consiste em **obedecer com prontidão**, isto é, em executar o que manda a obediência, prontamente, sem contestação ou demora. “Quem é verdadeiramente obediente, não tarda em obedecer, mas, ouvindo o preceito que lhe é dado, estende imediatamente as suas mãos e põe em movimento seus pés para executar a obra prescrita (São Bernardo de Claraval).

Estando uma vez o irmão Junípero ocupado no jardim em plantar um pé de zimbro, foi chamado por São Francisco. Ele não obedeceu imediatamente, mas só depois de ter plantado o pé de zimbro que tinha nas mãos. Para fazer o irmão chegar ao conhecimento da falta que cometera, São Francisco amaldiçoou o pé de zimbro e proibiu-lhe, em nome de Deus, crescer

mais: ele obedeceu e não cresceu nem mais uma polegada sequer. O narrador deste fato acrescentou que se podia ver, ainda em seu tempo, o pé de zimbro, no convento de Carínula, onde se deu esse acontecimento: estava ainda verde, mas sempre tão pequeno como na ocasião em que fora plantado.

2. O segundo grau da obediência perfeita consiste em **obedecer com exatidão**, isto é, com a maior atenção possível e sem murmuração alguma.

Primeiro, deve-se obedecer com a maior atenção possível, isto é, em empregar todo esforço necessário para executar bem o preceito recebido. Dizia Santa Maria Madalena de Pazzi: “O religioso não ofertou aos homens, mas a Deus, sua vontade, e não parcialmente, mas sem restrição. Deve-se então obedecer sem murmuração”.

Santo Tomás de Aquino, enquanto estava em Bolonha, recebeu um irmão leigo de outro convento. Como esse irmão devia sair imediatamente para tratar de um negócio importante, recebeu do prior a licença de levar como companheiro ao primeiro que encontrasse.

Por acaso, encontrou Santo Tomás, a quem não conhecia, e convidou-o a acompanhá-lo, conforme a ordem do superior. O Santo obedeceu imediatamente; e, como ele tinha um passo pesado e lento, o irmão, que andava ligeiro, instava repetidas vezes que ele apressasse o passo, porque o negócio era urgente.

Quando o irmão ficou sabendo quem fora seu companheiro, foi pedir-lhe perdão instantaneamente.

Santo Tomás, porém, nem de longe se mostrou descontente ou aborrecido pelo ocorrido. O Santo poderia muito bem ter interpretado a ordem do superior e ter pensado que ela não o visava, mas preferiu obedecer sem contradição e sutilezas, e quando, depois, lhe disseram que poderia ter-se desculpado, respondeu que um religioso deve cuidar unicamente em obedecer com pontualidade.

3. O terceiro grau da obediência perfeita consiste em **obedecer com alegria**. “Obedecer contrariado, murmurando contra seus superiores, é antes um pecado que uma virtude”, diz São Bernardo de Claraval.

Deus ama aquele que faz com alegria o que pratica por amor de Deus.

Os religiosos verdadeiramente obedientes, executam com alegria justamente aquelas ordens que mais se opõem às suas inclinações, porque estão em tal caso mais seguros de cumprirem com a vontade de Deus e não com a sua. De fato, que maior alegria poderá haver para uma alma que diz: “Fazendo isso, eu agrado a Deus!”.

Por isso, a obediência é chamada como a morte da vontade própria.

“A alma dá ordens ao corpo, e este obedece imediatamente; a alma dá ordens a si mesma, e resiste. Ordena a alma à mão que se mova, e é tal sua presteza, que mal se pode distinguir a ordem da execução; não obstante, a alma é espírito e a mão é corpo. A alma dá a si mesma a ordem de querer, uma não se distingue da outra, e contudo, ela não obedece. De onde este prodígio? E qual sua causa? Manda a alma que queira – e não mandaria se não quisesse – e, não obstante, não faz o que manda. Logo, não quer totalmente, e por isso não manda de modo total. A alma

manda na proporção do querer, e enquanto não quiser, suas ordens não são executadas, porque é a vontade que dá a ordem de ser a uma vontade que nada mais é que ela própria. Logo, não manda plenamente, e esta é a razão por que não faz o que manda. Porque, se estivesse em sua plenitude, não mandaria que fosse, porque já seria. Não há, portanto, prodígio algum em querer em parte e em parte não querer; é uma enfermidade da alma. Esta, sustentada pela verdade, não se ergue de todo, pois está oprimida pelo peso do hábito. Há, portanto, duas vontades, ambas incompletas, e o que uma possui falta à outra.” (Santo Agostinho, Confissões).

Santo Agostinho, fala da complexidade da vontade humana e a dificuldade que a alma enfrenta ao tentar comandar a si mesma, nutrindo-se com aquilo que é bom e que provém de Deus. A alma, no entanto, parece fácil ordenar ao corpo quanto aos bens que lhe parecem próprios. Quando se trata de dar ordens a si mesma, a alma encontra resistência.

Há uma contradição na vontade. Embora a alma dê a si mesma a ordem de querer algo, ela muitas vezes não consegue seguir a ordem completamente. Há uma divisão ou falta de coerência na vontade humana: a alma manda na proporção do querer, mas enquanto não quer totalmente, suas ordens não são executadas.

Essa “enfermidade da alma” é a condição na qual a vontade está dividida ou incompleta, incapaz de se expressar plenamente. Essa divisão da vontade é a falta de plenitude ou integridade na vontade, o que impede que ela comande completamente a si mesma.

Por isso, a alma que não se resigna a si mesma, não pode obedecer.

Santa Margarida de Pazzi assinalava-se na prática da obediência. Nunca dava a conhecer às suas superiores para o que tinha gosto e do que não gostava.

Procede assim também. Mostra-te sempre inteiramente indiferente a respeito de todas as cargas e trabalhos que te poderão ser impostos pela obediência. Agindo assim, irá se desapegar em relação às tarefas e responsabilidades que podem ser atribuídas por meio da obediência. A orientação é para que permaneças totalmente indiferente em relação a essas demandas, ou seja, que não demonstre preferência ou aversão em relação a elas.

Note que o termo “indiferente” aqui usado não significa falta de interesse ou descaso, mas sim uma atitude de equanimidade, em que se está disposto a aceitar e executar as tarefas que lhe são atribuídas sem se deixar influenciar por preferências pessoais.

Essa postura de indiferença permite estar verdadeiramente disponível para cumprir as exigências da obediência sem afetar-se por considerações pessoais ou emocionais. Isso promove uma maior liberdade interior e facilita o cumprimento das responsabilidades de forma desprendida e dedicada.

4. O quarto grau da obediência perfeita consiste em **obedecer com simplicidade**, ou, na expressão de São Paulo, “*na simplicidade do coração*” (Cf. Ef 6, 5). A simplicidade do coração exige submeter-se o próprio parecer ao juízo do superior e que se tenha por reto tudo aquilo que ele manda. Em suma, o religioso devoto deve obedecer sem querer saber por que se lhe manda isto ou aquilo.

Santo Tomás ensina que o religioso deve procurar executar a ordem dos superiores mesmo quando a coisa prescrita lhe parecer impossível, visto que não lhe compete decidir se ela é possível não.

O súdito deve ser, nas mãos de seu superior, “como o barro nas mãos do oleiro” (Ecl 33, 13). Porventura dirá o barro ao oleiro que o maneja: “que fazes?”, pergunta Isaías. Se se desse isso, responderia o oleiro: “Cala-te, não te compete perscrutar o que eu faço; deves unicamente obedecer, deixando-me o direito de dar-te a forma que me aprouver”. Essa é a resposta que merecem aqueles religiosos que querem saber por que se lhes deu esta ou aquela ordem, este e não aquele cargo. Por isso escreveu São Jerônimo a Rústico: “teu dever é obedecer; por isso não queiras criticar o que os superiores mandarem”.

QUATRO RAZÕES PARA CRER TUDO O QUE FAZEM OS SUPERIORES

1. Porque ninguém deve confiar no seu próprio parecer quanto ao que lhe diz respeito.
2. Porque o súdito sabe unicamente o que se refere a ele próprio, enquanto o superior tem muitas outras coisas diante dos olhos, e, por isso, pode julgar muito melhor.
3. Porque o súdito, muitas vezes, olha unicamente para seu proveito próprio, enquanto o superior tem em vista o bem comum.
4. Porque os superiores, segundo Santa Maria Madalena de Pazzi, têm uma especial assistência de Deus e luzes particulares para a direção da Comunidade, privilégio de que não gozam os súditos.

Eva não teria caído no pecado se tivesse assim respondido à serpente:

— Não vos compete perscrutar o motivo da proibição; quanto a nós, temos o dever único de obedecer.

Eis o motivo pelo qual o pecado original se instalou no coração humano e todos, como consequência herdaram o pecado. A infeliz começou a refletir sobre a razão da proibição e respondeu: “podemos comer de todas as frutas; só o fruto de uma única árvore nos é vedado, para que não morramos, talvez”. Vendo a serpente que desse “talvez”, Eva começava a duvidar do castigo prometido, disse-lhe ousadamente: “não temais; de forma alguma morreréis”. E assim conseguiu induzir Eva a transgredir o preceito de Deus.

Diz São José Calazans: “não é obedecer, se ao obedecer se segue o próprio parecer”. Por isso, evita confiar em teu próprio juízo, quando ele é contrário ao preceito de teus superiores.

A OBEDIÊNCIA SEGUNDO SÃO FRANCISCO DE SALES

A caridade sozinha nos faz realmente perfeitos, mas a obediência, a castidade e a pobreza são as principais virtudes que nos ajudam a adquirir a perfeição. A obediência, pois,

dedica o nosso espírito à castidade, o nosso corpo à pobreza, os nossos bens ao amor e serviço de Deus. São como que três braços da cruz espiritual, em que estamos crucificados com Jesus Cristo e fundam-se ao mesmo tempo numa quarta virtude, que é a santa humildade.

Não pretendo falar-te destas três virtudes com respeito aos votos solenes da religião ou aos votos simples que mesmo no mundo se emitem por graves razões, porque, embora os votos tragam consigo muitas graças e merecimentos, a simples prática destas virtudes é absolutamente bastante para conduzir à perfeição. É verdade que esses votos, principalmente os solenes, elevam uma pessoa ao estado da perfeição; mas há uma grande diferença entre o estado da perfeição e a perfeição mesma, pois que todos os religiosos e bispos estão no estado da perfeição; mas nem todos são perfeitos, como é evidente.

Esforcemo-nos, Filoteia, por praticar essas virtudes, cada um segundo a sua vocação, porque, ainda que não nos ponham no estado da perfeição, elas nos darão, todavia, a perfeição; demais, somos todos obrigados à prática destas virtudes, conquanto não o sejamos todos do mesmo modo.

Duas espécies há de obediência, uma necessária e outra voluntária. Segundo as leis da obediência necessária, deves obedecer a teus superiores eclesiásticos, ao Papa, ao bispo, ao vigário e aos seus representantes; além disso, deves obedecer às autoridades civis, isto é, ao príncipe e aos magistrados que estabeleceu no seu Estado; por fim, deves obedecer aos superiores domésticos: ao pai, à mãe, ao dono e à dona da casa.

Chama-se necessária esta obediência porque ninguém se pode eximir da obrigação de obedecer a estes superiores, tendo-lhes Deus dado a autoridade para governar com preceitos e ordens os que estão confiados à sua direção. Obedece, pois, às suas ordens; nisto consiste a obediência a que estás obrigada incondicionalmente; mas, para torná-la mais perfeita, segue também os seus conselhos e até os seus desejos e inclinações, tanto quanto a caridade e a prudência o permitirem.

Obedece-lhes nas coisas agradáveis, como comer, divertir-se; pois, conquanto não pareça ser grande virtude obedecer em semelhantes coisas, contudo grande falta seria faltar aqui com a devida submissão. Obedece-lhes nas coisas indiferentes, como vestir uma ou outra roupa, passar por um caminho ou por outro, falar ou calar-se, e já a obediência terá um merecimento muito grande. Obedece-lhes em coisas dificultosas, ásperas e desagradáveis, e a obediência será perfeita. Obedece sem réplica, mas com mansidão; sem demora, mas com fervor; sem constrangimento, mas com alegria. Sobretudo obedece com amor e por amor daquele que por nosso amor se tornou obediente até à morte da cruz e preferiu, como diz São Bernardo, perder a vida a desobedecer.

Para aprender a obedecer com facilidade aos superiores, acostuma a te acomodares de bom grado com a vontade dos teus iguais, conformando-te aos seus sentimentos sem espírito de contestação, se não houver aí alguma coisa de mal; e mesmo às inclinações razoáveis dos teus inferiores te deves acomodar de boa vontade e não exerças a tua autoridade dum modo imperioso, enquanto se mantêm em ordem. É um engano dizer que se estivesse na religião, obedecer-se-ia facilmente, quando se sente dificuldade e repugnância em obedecer às pessoas que Deus constituiu acima de nós.

Por obediência voluntária entendemos aquela que não nos foi imposta por um preceito, mas a que nos obrigamos por livre escolha. Ninguém pode escolher para si o pai e a mãe; de ordinário, não se escolhe o seu príncipe, o seu bispo e até muitas vezes nem o seu consorte (cônjuge); mas escolhe-se livremente o seu confessor e diretor espiritual. Seja que nesta escolha se faça um voto de obedecer-lhe — como Santa Teresa, que, além do voto solene da Ordem, de obedecer aos superiores, se ligou por um voto especial e simples de obedecer ao padre Graciano — ou seja que sem voto algum se proponha humildemente obedecer ao confessor, e esta obediência chama-se voluntária, porque em seu princípio depende de nossa vontade e eleição.

Devemos obedecer a todos os superiores, mas a cada um nas coisas de sua competência; aos príncipes, em tudo que diz respeito à polícia e à ordem pública; aos prelados, em tudo que concerne à disciplina eclesiástica; a um pai, a um senhor, a um marido nas coisas domésticas; ao confessor e ao diretor, em tudo o que tem relação com a direção particular da alma.

Pede ao teu diretor espiritual que te designe as ações de piedade que deves praticar; deste modo se tornarão melhores, porque, além da sua própria bondade e merecimento, terão ainda o mérito da obediência que as preceituou e animou de seu espírito.

Bem-aventurados são os obedientes, porque Deus nunca permitirá que se percam.

LIÇÃO PIEDOSA

Submetendo todos os teus afetos e todos os teus desejos à obediência e ao beneplácito de sua divina vontade, realize um exame de consciência minucioso tomando como base o tema desta aula e da anterior: a obediência.

ORAÇÃO FINAL

† Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Amém.

Amadíssimo Jesus meu, Vós sois o Rei do céu e da terra; mas por meu amor Vos fizestes servo até dos algozes, que Vos rasgaram as carnes, feriram a cabeça, e enfim cravaram de mãos e pés na cruz, para Vos fazerem morrer de dor. Adoro-Vos como meu Deus e meu Senhor, e envergonho-me de aparecer diante de Vós, quando penso por que miseráveis satisfações rompi tantas vezes os vossos santos laços, dizendo-Vos na face que não mais Vos queria servir. É justo que me repreendais: *Rupisti vincula mea, dixisti: non serviam* — “Rompeste os meus laços, disseste: não servirei”.

O que ainda me faz esperar o vosso perdão, ó Salvador meu, são os vossos merecimentos e a vossa bondade, que não sabe desprezar um coração contrito e humilhado: *Cor contritum et humiliatum, Deus, non despicias*. Confesso, meu Jesus, que fiz mal em Vos desagradar; confesso que pelos meus pecados mereço mil infernos. Ah, castigai-me como

quiserdes, mas não me priveis da vossa graça e do vosso amor. Pesa-me sumamente de Vos ter desprezado, e amo-Vos de toda a minha alma. Tomo a resolução de, no futuro, não servir e não amar senão a Vós. Pelos vossos méritos, ó Senhor, predeí-me a Vós pelas cadeias do vosso santo amor, e não permitais me suceda ainda sacudi-las.

Amo-Vos sobre todas as coisas, ó meu Libertador; antes quero ser vosso servo que possuir o universo: de que serve o mundo a quem é privado da vossa amizade?

— Ó meu dulcíssimo Jesus, não permitais que me separe de Vós;

— não permitais que me separe de Vós!

É esta a graça que Vos peço e sempre quero pedir. Peço-Vos também a graça de renovar continuamente este pedido: Meu Jesus, não permitais que me separe do vosso amor. Também a vós imploro esta graça, ó Maria, minha Mãe; ajudai-me pela vossa intercessão a não me separar mais de Deus.

Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto de vosso ventre, Jesus. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora de nossa morte. Amém.

† Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Amém.





AULA 15

AS PROPRIEDADES DA ORAÇÃO

Orações iniciais, descritas no início do conteúdo desta disciplina.

Sumário: Nesta aula, abordamos a importância da humildade diante de Deus, contrastando-a com o orgulho. O ponto principal é que Deus ouve as orações dos humildes, enquanto repele as dos soberbos. O trabalho humano sem a graça de Deus é vão e a verdadeira santidade consiste em negar-se a si mesmo e confiar inteiramente em Deus. A história de São Francisco e Frei Masseo ilustra como a humildade é essencial mesmo para aqueles que possuem grandes dons e graças divinas, demonstrando que, quanto maiores são os dons de Deus, tanto maior deve ser a humildade.

DEUS OUVI A ORAÇÃO DOS HUMILDES E REPELE A DOS ORGULHOSOS

“Todas as honras do mundo são coisas do demônio” (Santo Hilário).



Senhor escuta e atende as orações dos seus servos humildes: “O Senhor atendeu a oração dos humildes” (Sl 101, 18). Onde pois, falta humildade, Deus não atende. Pelo contrário, repele as orações dos soberbos. “Deus resiste aos soberbos e dá a sua graça aos humildes” (Tg 4, 6). Deus não ouve as orações dos soberbos, que confiam nas próprias forças e por isso abandona-os à sua miséria. Em tal estado, privados do auxílio divino, perder-se-ão certamente. Chorava Davi: “Antes de ser humilhado, pequei” (Sl 118, 67). Pecou, porque não foi humilde. O mesmo se deu com São Pedro, o qual, apesar de avisado por Nosso Senhor de que naquela noite os seus discípulos, o abandonariam: “a todos vós serei eu nesta noite ocasião de escândalo”, em vez de reconhecer sua fraqueza e pedir forças ao Senhor para não lhe ser infiel, confiando demasiadamente em si mesmo, disse que ainda que todos os outros o abandonassem, ele nunca o abandonaria: “Ainda que todos se escandalizem a teu respeito, eu nunca me escandalizarei” (Mt 26, 33). E, não obstante o Redentor lhe predizer, de novo e em particular que, naquela noite, antes que o galo cantasse, o negaria três vezes, confiando em seu valor, gabou-se dizendo: “Ainda que seja necessário morrer eu contigo, não te negarei” (Mt 26, 35). Mas, apontado como discípulo, retrucou: “Juro que não conheço tal homem” (Mt 26, 72). Se Pedro se houvesse humilhado e pedisse ao Senhor a graça da constância, não O teria negado.

Santo Afonso Maria de Ligório nos diz que devemos todos imaginar que estamos sobre as alturas de um monte, suspensos sobre o abismo de todos os pecados e sustentados apenas pelo fio da oração; se este fio se arrebentar, cairemos certamente neste abismo e cometeremos os crimes mais horrorosos. “*Se Deus não me tivesse ajudado, já teria caído no inferno*” (Sl 93, 17). Assim falava o salmista e assim deve dizer cada um de nós. O mesmo queria dizer São Francisco de Assis, quando dizia ser ele o maior pecador do mundo. Mas, meu padre, disse-lhe o companheiro, não é verdade o que dizeis. Existem muitos no mundo, que são piores do que vós. É verdade, meu irmão, respondeu o Santo, porque se Deus não tivesse sobre mim sua mão protetora, eu cairia em todos os pecados.

O Senhor nos pede que andemos diante Dele em verdade, procurando-O sempre com simplicidade de coração. Quem anda diante de Cristo será defendido dos ataques inimigos e a verdade o libertará dos enganos e das murmurações dos maus. A verdade torna o homem verdadeiramente livre e, estando assim nesta condição, não fará caso das palavras vãs dos homens.

Por isso, ó alma piedosa, busca com simplicidade e humildade que a Verdade de Cristo a ensine, defenda e conserve até o encontro do fim da carne e a disposição eterna. Que a verdade a livre de toda afeição e amor desregrado e possa andar na presença de Cristo, com grande liberdade de coração.

Cristo ensina-nos a verdade, mostrando-nos o que é justo e agradável aos seus olhos. Por isso, com o coração contrito, arrependido dos nossos pecados e humilhados diante do Senhor, devemos relembrar dos nossos pecados com grande dor e pesar.

Com efeito, somos pecadores e sujeitos a muitas paixões. De nós pende sempre o nada. Depressa caímos, somos vencidos abruptamente, perturbados, desanimados. De nada podemos nos gloriar, porém, há muito para nos humilharmos. Que nosso coração não nos incite a crermos que somos fortes, pois somos mais fracos do que podemos imaginar.

Diz Jesus: “*Nada, pois, do que fazes te pareça grande, nada precioso e admirável, nada digno de apreço, nada nobre, nada verdadeiramente louvável e desejável, senão o que é eterno. Acima de tudo te agrade a eterna verdade, e te desagrade a tua extrema vileza. Nada temas, nada vituperes e fujas tanto como de teus vícios de pecados, que te devem entristecer mais do que quaisquer prejuízos materiais. Alguns não andam diante de mim com simplicidade, mas, curiosos e arrogantes, pretendem saber meus segredos e compreender os sublimes mistérios de Deus, descurando-se de si próprios e de sua salvação. Estes, por sua soberba e curiosidade, não raro caem em grandes tentações e pecados, porque me afastam deles*”. “*Teme os juízos de Deus, treme da ira do Onipotente. Não queiras discutir as obras do Altíssimo; examina antes as tuas iniquidades, quanto mal cometestes e quanto bem deixastes de fazer por negligência. Alguns põem toda a sua devoção nos livros, outros nas imagens, outros em sinais e exercícios exteriores. Alguns me trazem na boca, mas mui pouco no coração. Outros há, porém, que, alumiados no entendimento e purificados no afeto, sempre suspiram pelos bens eternos; não gostam de ouvir das coisas da terra e com repugnância satisfazem as exigências da natureza; estes*

percebem o que lhe diz o Espírito da Verdade. Pois lhes ensina a desprezar as coisas terrenas e amar as celestiais, a esquecer o mundo e almejar o céu dia e noite” (Tomás de Kempis. Imitação de Cristo).

TRABALHA EM VÃO AQUELE QUE TRABALHA SEM DEUS

É um dogma de fé que, sem a graça de Deus, não podemos fazer obra meritória alguma, nem tão pouco ter um bom pensamento. Sem a graça, não podem os homens fazer bem algum, quer por pensamentos, quer por palavras ou obras. Como os olhos não podem ver sem luz, assim o homem não pode fazer o bem sem a graça. E, antes, disse São Paulo: *“Não que sejamos capazes, nós mesmos, de ter algum pensamento como de nós mesmos; mas a nossa capacidade vem de Deus”* (2 Cor 3, 5). E, ainda antes do Apóstolo, disse Davi: *“Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalharão os que procuram construí-la”* (Sl 126, 1).

Em vão se esforça o homem em se fazer santo, se Deus não o amparar com o seu poder. *“Se o Senhor não guardar a cidade, inutilmente se desvela o seu vigia”*. Se Deus não preservar a alma do pecado, em vão procurará ela fugir dele com suas próprias forças. Por isso, exclamava o profeta Davi: *“Não esperei no meu arco”* (Sl 43, 7). Pois não quero confiar em minhas armas, mas unicamente em Deus, porquanto só Ele pode salvar-me.

É pela graça de Deus que somos aquilo que somos. Quem achar que fez algum bem, e que não caiu em maiores pecados, diga com São Paulo: *“Pela graça de Deus, sou o que sou”* (1 Cor 15, 10).

Pela mesma razão, não deixe o homem de tremer e recear cair em todas as ocasiões. *“Quem está de pé, veja que não caia”* (1 Cor 10, 12). Com isto, quer São Paulo advertir-nos que está em grande perigo de cair, quem se julga seguro. Em outro lugar, diz: *“Quem julga ser alguma coisa, não sendo nada, engana-se”* (Gl 6, 3). Muito sabiamente escreveu Santo Agostinho: *“Muitos, sendo fracos, não se fortificam, porque se julgam fortes; só os que se sentem fracos serão fortes”*. Quem diz que não tem medo de si próprio, prova que confia em si mesmo e em suas resoluções, mas, com esta confiança perniciosa, engana-se. Quem diz que não tem medo, não receia mais e, não receando, não reza mais; então, errará certamente.

Não devemos desprezar os outros por terem caído e nós não; pelo contrário, quando virmos outros caírem, julguemos que somos piores de todos, e digamos ao Senhor:

“Se não me tivésseis ajudado, Senhor, eu teria feito pior ainda”.

De outro modo, permitirá Deus, por causa de nosso orgulho, que cometamos pecados maiores ainda. Por isso avisa-nos o Apóstolo que procuremos a nossa salvação eterna. Mas como? Sempre temendo e tremendo. *“Com medo e tremor, operai a vossa salvação”* (Fl 2, 12). Com o temor e tremor, pois quem vive em temor e cuidando para não cair, desconfia de suas próprias forças e põe toda a sua confiança em Deus, recorrendo a Ele nos perigos. Deus o ajudará, vencerá as tentações e salvar-se-á.

São Felipe Néri, passando um dia pelas ruas de Roma, exclamava: *“Sou um desesperado”*. Um religioso, que ouviu estas palavras, perguntou-lhe porque falava daquele modo: O Santo

respondeu: *“Meu pai, eu desespero, sim, mas de mim mesmo”*. Este deve ser o nosso modo de agir, se quisermos nos salvar. É necessário que tenhamos uma completa desconfiança de nós mesmos. São Felipe, desde o primeiro momento em que despertava pela manhã, dizia a Deus: *“Senhor, protegi-me hoje, senão eu Vos trairei e o venderei!”*

A santidade consiste em negar-se a si próprio e pôr toda confiança em Deus, em ver este mundo como de passagem, lembrando que nossa pátria é o céu para não termos amor à coisa criada.

Devemos pensar todos os dias que não sabemos a hora em que seremos chamados às contas. Agindo assim, refletimos que Deus é justo e que dará a cada um segundo seu trabalho, lembrando-nos constantemente da Parábola das Virgens Loucas.

Na verdade, se a nossa lâmpada se achar apagada, não entraremos no Banquete das Nupcias Celestes, o que constantemente nos lembrará que o trabalho da santificação depende como que somente de nós. Se quisermos, podemos ser grandes santos. Se quisermos, podemos ser réprobos e podemos também ser tíbios e ir ao Purgatório por muitos anos.

Agora, alma fiel, escolhe o que queres ser na hora da morte e põe mãos à obra. Se queres ser tíbio, cede ao teu corpo as exigências que ele pede; se queres ser réprobo, afasta-te dos Sacramentos; se queres ser santo, ama o sacrifício, nega-te a ti mesmo e acende em teu coração uma lâmpada cujo azeite seja Cristo.

Conservemos a confiança nele, diz o Apóstolo, porque assim poderemos esperar uma grande recompensa. Assim como for a nossa confiança, do mesmo modo serão as graças de Deus. *“Uma grande confiança merece grandes coisas”*.

Escreve São Bernardo que a divina misericórdia é uma fonte imensa; e nós apanhamos as graças com os vasos da confiança; quem vier com um vaso maior poderá tirar maior número de graças. *“Só nos vasos da confiança o Senhor deita o azeite de sua misericórdia”*. E, já antes, dissera o Profeta: *“Venha, Senhor sobre nós a vossa misericórdia, assim como temos esperado!”* (Sl 32, 22). Isto vemos realizado com o centurião, a quem o Redentor disse, louvando a sua confiança: *“Vai e te seja feito assim como creste”* (Mt 8, 13). Revelou Nosso Senhor à Santa Gertrudes que, *“quem reza com confiança, faz tanta violência ao seu coração que o obriga a atender a tudo quanto pede”*. *“A oração”, diz São João Clímaco, “faz violência a Deus, mas uma violência que lhe é cara e agradável”*.

EM SUMA

1. Deus ouve a oração dos humildes e repele a dos orgulhosos.
2. A humildade é essencial para que Deus atenda às orações.
3. Deus resiste aos soberbos e dá graça aos humildes.
4. É necessário reconhecer a própria fraqueza e confiar em Deus para não cair em tentação.
5. A oração é como um fio que nos mantém suspensos sobre o abismo dos pecados.
6. A verdade liberta o homem dos enganos e das murmurações dos maus.

7. Devemos buscar a Verdade de Cristo com simplicidade e humildade.
8. Cristo ensina-nos a verdade e devemos lembrar dos nossos pecados com pesar.
9. Sem a graça de Deus, não podemos fazer obra meritória alguma.
10. É pela graça de Deus que somos o que somos.
11. Devemos ter uma completa desconfiança de nós mesmos e confiar em Deus.
12. O trabalho da santificação depende de nossas escolhas e ações.
13. Devemos conservar a confiança em Deus para esperar uma grande recompensa.
14. A confiança em Deus é como um vaso que recolhe as graças divinas.
15. A oração feita com confiança é poderosa e agrada a Deus.



COMO SÃO FRANCISCO EXPERIMENTOU A HUMILDADE DE FREI MASSEO, SEU COMPANHEIRO

Querendo São Francisco humilhar a Frei Masseo, a fim de que os muitos dons e graças que Deus lhe concedia o não levassem à vanglória, mas pela humildade crescesse de virtude em virtude, uma vez que estava com seus companheiros, homens de verdadeira santidade, entre os quais se contava o dito Frei Masseo, disse-lhe diante de todos:

— Ó Frei Masseo, todos estes teus companheiros têm a graça da contemplação e da oração, mas tu tens a graça da pregação da Palavra de Deus, com satisfação do povo. Por essa razão, quero que tu, para que eles se possam dar à contemplação, faças o ofício de porteiro, de esmoler e de cozinheiro; e quando os demais irmãos estiverem comendo, tu irás comer fora da porta; de sorte que atendas às pessoas que venham, ainda antes de chamarem, e lhes digas alguma boa palavra de Deus; e assim não haverá necessidade de que mais ninguém esteja fora. E faz isto por mérito da santa obediência.

Então Frei Masseo tirou o capelo, inclinou a cabeça, e humildemente recebeu e executou a obediência, durante muitos dias, cumprindo o ofício da porta, da esmola e da cozinha.

Mas os companheiros, como homens iluminados por Deus, começaram a sentir no coração um grande remordimento, considerando que Frei Masseo era homem de alta perfeição, como eles ou mais, e que ele carregava todo o peso da casa. Por esta razão, movidos dum mesmo desejo, foram pedir ao Santo Padre que se dignasse distribuir estes ofícios entre todos, porque as suas consciências não podiam sofrer que Frei Masseo levasse tantas fadigas. Ouvindo isto, São Francisco aceitou os seus conselhos e acedeu ao seu pedido; e, chamando Frei Masseo, disse-lhe:

— Frei Masseo, os teus companheiros querem partilhar dos ofícios que eu te dei; quero, pois, que esses ofícios se repartam.

Frei Masseo disse, com grande humildade e paciência:

— Padre, o que me impuseres, seja tudo, seja parte, considero eu feito por Deus.

Então São Francisco, vendo a caridade daqueles e a humildade de Frei Masseo, fez um maravilhoso sermão acerca da santa humildade, ensinando-lhes que, quanto maiores forem os dons e as graças de Deus, tanto maior deve ser a nossa humildade, porque, sem ela nenhuma virtude é aceite a Deus. E, concluída a exortação, distribuiu os ofícios com grandíssima caridade.

À glória de Cristo. Amém.

ORAÇÃO FINAL

† Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Ó Virgem Santíssima, minha boa Mãe, quão felizes são aqueles – eu o repito com transportes de coração – quão felizes são aqueles que, sem se deixar seduzir por uma falsa devoção, guardam fielmente vossos caminhos, vossos conselhos e vossas ordens! Quão infelizes, porém, e malditos, aqueles que, abusando de vossa devoção, não guardam os mandamentos de vosso Filho! *“Maledicti omnes qui declinant a mandatis tuis”* – Malditos os que se afastam de teus mandamentos (Sl 118, 21).

Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois Vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora de nossa morte. Amém.

† Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.





AULA 19

MÉTODO DE ASSISTIR À SANTA MISSA PELA MEDITAÇÃO DA PAIXÃO

Orações iniciais, descritas no início do conteúdo desta disciplina.

Sumário: Nesta aula, São Pedro Julião Eymard nos ensina sobre como assistir devotamente à Santa Missa pela meditação da Paixão de Cristo. A Santa Missa é como o Calvário e o sacerdote figura Jesus em sua Paixão. A preparação para a Missa envolve um profundo recolhimento e humildade, assim como a pureza de intenção e desejo de receber Cristo. Durante a Missa, cada ação do sacerdote é um momento da Paixão de Cristo, desde sua entrada no Jardim de Getsêmani até sua Crucificação e Morte. Enfatizamos a importância de unir-se espiritualmente a Jesus em cada etapa da Missa, incluindo a Consagração e Elevação, e de fazer uma ação de graças fervorosa após a Comunhão, oferecendo-se a Deus e pedindo a graça da perseverança final.

POR SÃO PEDRO JULIÃO EYMARD

“Sempre que participardes dos Mistérios Sagrados, anunciareis a Morte do Senhor” (1 Cor 11, 26).

“Pedi que esse Espírito divino habite em vós e vos dirija em tudo o que fizerdes no correr do dia, e que este, pela graça do Santo Sacrifício, seja todo santificado e tornado fecundo em obras de graça e de salvação” (São Pedro Julião Eymard).



Pedi que o Espírito Divino habite em vós e vos dirija em tudo o que fizerdes no correr do dia, e que este, pela graça do Santo Sacrifício, seja todo santificado e tornado fecundo em obras de graça e de salvação.

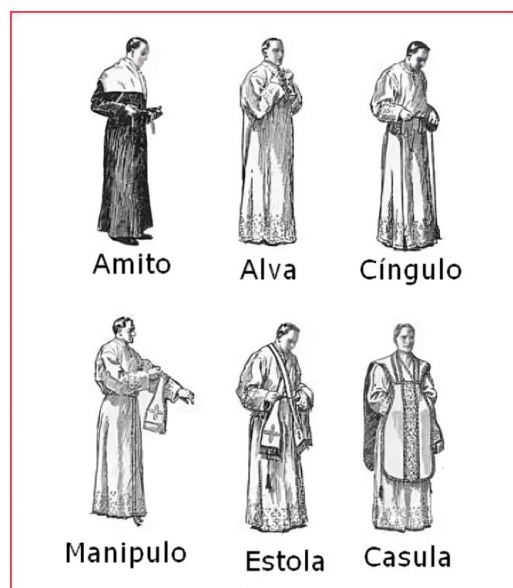
Para assistir devotamente à Santa Missa, meditai nos diversos passos da Paixão do Salvador, renovados ali de maneira tão admirável.

PREPARAÇÃO

Considerai o Templo como o lugar mais santo e respeitável do mundo, como um novo Calvário. O Altar, de pedra, contém os ossos dos Mártires. Os círios, que ardem e se consomem, são o símbolo da fé, esperança e caridade. As toalhas brancas, que cobrem o

Altar, lembram-nos as mortalhas em que foi envolvido o Corpo de Jesus Cristo. O Crucifixo no-lo representa morrendo por nós.

No sacerdote, vede Jesus Cristo com as vestes de sua Paixão: no **amito**, o pedaço de fazenda com que os carrascos velaram a Face do Salvador; na **alva**, a túnica branca de escárnio com que o vestiu o impudico Herodes; no **cordão** ou **cíngulo**, os laços com que os Judeus o ataram no Jardim das Oliveiras, a fim de levá-lo aos tribunais; no **manípulo**, as cadeias com que foi preso à coluna de flagelação; na **estola**, as cordas com que o puxaram pelas ruas de Jerusalém com a Cruz às costas; na **casula**, o manto púrpura que lhe lançaram no pretório, ou a Cruz que lhe impuseram.



Numa palavra, o ministro, trazendo as vestes sacerdotais representa-nos o próprio Jesus Cristo, caminhando para o suplício do Calvário. E, além disso, ensina-nos quais as disposições com que nos devemos apresentar ao Santo Sacrifício.

O **amito**, colocado primeiro na cabeça e logo depois nos ombros, é símbolo da modéstia e do recolhimento; a **alva branca** e o **cordão**, da pureza; o **manípulo**, da contrição; a **estola**, da veste de inocência; a **casula**, do amor da Cruz e do jugo do Senhor.

O padre ao vestir-se com os paramentos reza:

O amito

Colocai, oh Senhor, o capacete da salvação sobre minha cabeça para que eu possa resistir ao demônio.

A alva

Fazei-me limpo, oh Senhor, e purificai meu coração, para que purificado no Sangue do Cordeiro, mereça gozar do prêmio eterno.

O cíngulo

Cinge-me, oh Senhor, com o cíngulo da pureza e extingue em mim o fogo da concupiscência para que a virtude da Constância na castidade habite sempre no meu coração e assim, eu possa servir-Vos melhor.

O manípulo

Que eu mereça, oh Senhor, portar este manípulo de penitência e dor para que, um dia, eu possa ser premiado pelo meu trabalho.

A estola

Restaurai em mim, a estola da imortalidade que perdi pelo pecado do meus primeiros pais, para que apesar de indigno de aproximar-me dos Vossos sagrados mistérios, eu possa alcançar a felicidade eterna.

A casula

Oh! Senhor, que disseste: *“Meu jugo é suave e minha carga é leve”*, concede-me levá-lo de tal forma que mereça a Vossa graça.

Ao entrar na Igreja, o padre se aproxima do altar levando o cálice. Vede Jesus dirigindo-se ao Jardim de Getsêmani para ali começar sua Paixão de Amor. Com os Apóstolos, acompanhai-o, mas ficai a velar e rogar com Ele. Afastai toda distração, todo pensamento alheio a tão tremendo Mistério. Ó fiel, inclina-te diante de tão honrosa presença e persigna-te.

O sacerdote, aos pés do Altar, inclina-se, ora e humilha-se profundamente, à vista dos seus pecados. Jesus, no Jardim, prostra-se, a face contra a terra; humilha-se pelos pecadores; um suor de Sangue, fruto de sua imensa dor, corre-lhe pelo Corpo, ensanguentando-lhe as vestes, manchando a terra. É que Ele tomou a si nossos pecados, com toda a amargura inerente.

A vós, então, cabe confessar com o sacerdote vossas faltas, com ele pedir humildemente perdão e receber a absolvição, para que, purificado, possais assistir ao Santo Sacrifício. Se esta só consideração vos ocupar durante todo o Sacrifício; se vos for dado participar dos sentimentos e da agonia de Jesus; se a graça vos retiver ao seu lado, está bem. De outra forma, acompanhai-o no percurso da Paixão.

O sacerdote, subindo o Altar, beija-o. Judas, chegando ao Jardim das Oliveiras, dá a Jesus um beijo pérfido. Ah! quantos não tem ele recebido dos seus filhos e ministros infiéis!

Ai de mim! nunca o traí eu?... Nunca o entreguei aos seus inimigos ou às minhas paixões?... E, no entanto, Ele muito me amou!

Podeis também contemplar a Jesus preso, tornando a Jerusalém, a fim de comparecer perante seus inimigos e deixando-se levar com a doçura do Cordeiro. Pedi-lhe a paciência e a mansidão nas provações por parte do próximo.

O sacerdote começa o introito e benze-se. Jesus é conduzido à presença do sumo Pontífice Caifás, onde Pedro o renega. Ah! quantas vezes não O reneguei eu, à sua verdade, à sua lei, às minhas promessas! E não foi nem o temor, nem a surpresa que me levaram a renegar meu Salvador. Ai de mim! Sou, por conseguinte, mais culpado do que Pedro, cujas lágrimas correram sem demora, uma vez cometida a culpa. E ele chorou-a toda a vida, enquanto meu coração permanece duro e insensível.

O sacerdote recita o Kyrie. Jesus clama ao Pai por nós. Aceitai, com Ele, todos os sacrifícios que Deus vos pedir.

O sacerdote recita as Orações e a Epístola. Jesus, em presença de Caifás, confessa sua Divindade, ciente de que a sentença de morte lhe virá punir semelhante declaração.

Meu Deus, fortificai, aumentai minha fé nessa mesma Divindade, para que, mesmo em perigo de vida, eu a adore, a ame e a confesse, feliz em poder dar meu sangue para defendê-la.

O sacerdote lê o Evangelho. Jesus, em presença de Pilatos, dá testemunho de sua realeza. Sede sempre, ó Jesus, rei de meu espírito pela vossa Verdade, rei de meu coração pelo

vosso Amor, rei de meu corpo pela vossa Pureza, rei de toda a minha vida pela vontade que tenho de consagrá-la à vossa maior Glória.

Recitai em seguida o Credo, com fé e piedade, lembrando-vos de que o Salvador morreu em defesa da Verdade.

O sacerdote oferece o pão e o vinho do sacrifício, a hóstia a Deus Pai. Pilatos apresenta Jesus ao povo exclamando: Ecce Homo, eis o Homem! Seu estado excita compaixão. A flagelação feriu-o até o Sangue, e a coroa de espinhos lhe ensanguentou a Face. Um manto de púrpura, já gasto, junto à vara que leva na mão, fazem dele um rei de comédia. Pilatos propõe ao povo que lhe conceda a graça. Mas este não quer e responde: Seja crucificado! *Crucifigatur!* E nesse momento Jesus se oferecia ao Pai pela salvação do mundo todo e do seu povo em particular, e o Pai aceitava sua oblação.

Ofereço-vos, com o sacerdote, ó Padre Santo, a Hóstia pura e imaculada de minha salvação e da salvação de todos os homens. Ofereço-vos, em união com essa oblação divina, minha alma, meu corpo e minha vida. Quero continuar a fazer reviver em mim a santidade, as virtudes e a penitência de vosso divino Filho. *“O Domine, regna super nos”*.

O sacerdote lava as mãos. Pilatos também lavou as mãos para protestar a inocência de Jesus. Ah! meu Salvador, lava-me no vosso Sangue puríssimo e purificai-me dos muitos pecados e imperfeições que maculam minha vida.

O sacerdote convida os fiéis, no Prefácio, a louvar a Deus. Jesus, Homem de Dores, há pouco aclamado por aqueles que hoje o coroam de espinhos e o atam num poste, recebe ali as homenagens derrisórias e sacrílegas de seus carrascos, que o atormentam com ultrajes indignos, lhe cospem na Face, e dele zombam. Ai de nós! Tais são as homenagens que nosso orgulho, nossa sensualidade, nosso respeito humano rendem a Jesus Cristo!

No Cânon, o sacerdote inclina-se, ora e santifica as ofertas por numerosos Sinais-da-Cruz. Jesus curva os ombros sob o fardo da Cruz. Toma-a com amor, beija-a, leva-a com carinho, encaminhando-se para o Calvário, dobrado sob esse peso de amor. Ah! Ele carrega meus pecados a fim de expiá-los, e minhas cruzes a fim de santificá-las. Sigamos Jesus Cristo, levando a Cruz e subindo penosamente o monte Calvário. Acompanhem-lo com Maria, as santas mulheres e Simão, o Cireneu.

O sacerdote impõe as mãos sobre o cálice e a hóstia. Os carrascos, apoderando-se de Jesus Cristo, despem-no violentamente, e estendem-no sobre a Cruz, onde o crucificam.

Consagração e Elevação. O sacerdote consagra o pão e vinho no Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo. Adora, de joelhos, seu Salvador e seu Deus, real verdadeiramente presente em suas mãos. Eleva-o, em seguida, apresentando-o à adoração dos fiéis. E Jesus erguido na Cruz, entre o céu e a terra, qual Vítima e Mediador entre Deus irritado e nós, míseros pecadores.

Adorai e ofereci esta Vítima Divina em expiação, não somente pelos vossos próprios pecados, mas também pelos pecados dos homens em geral e dos vossos pais, parentes e amigos em particular. Prostrados a seus pés, seja o grito de vosso coração: **“Meu Senhor e meu Deus!”**

Considerai a Jesus estendido no Altar, como outrora na Cruz, adorando ao Pai, no profundo aniquilamento de sua própria Glória, rendendo-lhe graças por todos os bens concedidos aos homens seus irmãos e irmãs redimidos mostrando-lhe as Chagas, ainda abertas, que pedem graça e misericórdia pelos pecadores; rezando por nós de tal forma, que o Pai nada lhe pode recusar, a Ele, seu Filho, e Filho que se imolou por amor à sua Glória.

Prestai ao próprio Jesus o culto que Ele presta ao Pai. Adoro-vos, ó meu Salvador presente realmente sobre o Altar para renovar em meu benefício o Sacrifício do Calvário. A vós que sois o Cordeiro, ainda e diariamente imolado, bênção, glória e poder nos séculos dos séculos! Rendo-vos, agora, e por toda a eternidade vos renderei ações de graças pelo grande Amor que me manifestastes.

O sacerdote invoca, profundamente inclinado, a Clemência Divina para si e para todos. E Jesus quem diz: Pai, perdoai-lhes, que não sabem o que fazem. Adorai tamanha Bondade que, desculpando sempre os criminosos, não lhes quer chamar nem inimigos, nem carrascos.

Perdoai-me, ó meu Salvador, que minha culpa excede a deles, porquanto eu vos ofendi, embora soubesse que éreis o Messias, meu Salvador e meu Deus. Perdoai-me. Vossa Misericórdia será maior e, por conseguinte, mais digna ainda do vosso Coração. Se sou pródigo, sou todavia, filho. Eis-me aos vossos pés.

O sacerdote ora pelos mortos. Jesus na Cruz reza pelos mortos espirituais, pelos pecadores. Sua prece converte um dos dois celerados que primeiro o haviam insultado, blasfemando contra Ele. *“Lembrai-vos de mim, Senhor, quando estiverdes no vosso Reino”*, diz-lhe o bom ladrão. E Jesus responde-lhe: *“Hoje mesmo estarás comigo no Paraíso”*.

Ó meu Deus, pudesse eu, na hora da morte, fazer-vos o mesmo pedido e ouvir a mesma resposta! Lembrai-vos de mim nesse momento terrível, como vos lembrastes do ladrão penitente.

No **“Pater”**, o sacerdote invoca o Pai Celeste, Jesus na Cruz recomenda sua Alma ao Pai. Pedi a graça da perseverança final.

No **“Libera nos”**¹², o sacerdote roga para ser preservado dos males desta vida, Jesus, no grande Amor que nos tem, tem sede de novos sofrimentos e bebe, para expiar nossas gulodices, o fel misturado com vinagre.

O sacerdote divide a Hóstia santa. Jesus inclina a cabeça, a fim de lançar sobre nós um último olhar todo de amor e expira, exclamando: *“Tudo está consumado”*.

É a Alma que se separa do Corpo! Adora, ó minha alma, a Jesus morrendo, e já que Ele morreu por ti, saibas tu também viver e morrer por Ele. Implorai a graça de uma morte boa e santa, nos braços de Jesus, Maria e José.

O sacerdote, no **“Agnus Dei”**, bate três vezes no peito. Enquanto Jesus expira, o sol se eclipsa de dor, a terra estremece apavorada, os túmulos se abrem. Então, carrascos e espectadores, batendo no peito, confessam publicamente seu erro, em presença de Jesus na

¹² A conclusão do “Pater Noster” que, no caso, é feita por toda a assembleia: *“Sed libera-nos a malo. Amen.”*

Cruz, proclamam-no Filho de Deus e afastam-se contritos e perdoados. Uni-vos à sua contrição e merecereis o mesmo perdão.

O sacerdote bate no peito e comunga. Jesus é descido da Cruz, e colocado nos braços de sua Mãe dolorosa. E embalsamado, amortalhado num lençol branco e colocado num sepulcro novo.

Ó Jesus, ao receber-vos no meu corpo e na minha alma, desejo que meu coração seja não um túmulo, mas sim um templo alvo e puro, ornado de belas virtudes, onde só Vós reinareis.

Ofereço-vos minha alma para morada. Vinde nela habitar, qual Senhor supremo. Não seja eu um túmulo de morte, mas um tabernáculo vivo. Ah! aproximai-vos de mim, pois longe de vós, desfaleço.

Acompanhai a Alma de Jesus enquanto desce ao limbo a levar às almas dos justos a sua libertação. Uni-vos à sua alegria, ao seu reconhecimento e dai-vos para sempre ao vosso Salvador e vosso Deus.

O sacerdote purifica o cálice e cobre-o com o véu, Jesus ergue-se do túmulo, glorioso e triunfante, encobrindo, todavia, por amor aos homens, o esplendor de sua Glória.

O sacerdote, em ação de graças, recita as orações. Jesus convida aos seus a se regozijarem pela sua vitória sobre a morte e sobre o inferno. Uni-vos ao júbilo dos discípulos e das santas mulheres em presença de Jesus Ressuscitado.

O sacerdote abençoa o povo. Jesus abençoa seus discípulos. Inclinaí-vos, confiante de receber uma bênção que há de realizar tudo quanto promete.

O sacerdote lê o último Evangelho. É quase sempre o de São João, onde está descrita a Geração Eterna, temporal e espiritual do Verbo Encarnado.

Adorai a Jesus que subiu ao Céu para ali vos preparar um lugar. Contemplai-o reinando num trono de glória e enviando aos Apóstolos seu Espírito de Verdade e de Amor.

ORAÇÃO FINAL

† Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Pai-Nosso, que estais no Céu, santificado seja o vosso Nome, venha a nós o Vosso Reino, seja feita a Vossa vontade, assim na Terra como no Céu. O pão nosso de cada dia nos dai hoje; perdoai-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores; e não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal. Amém.

Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois Vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora de nossa morte. Amém.

† Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.





AULA 23

A NECESSIDADE DESTES SANTO SACRIFÍCIO

Orações iniciais, descritas no início do conteúdo desta disciplina.

Sumário: *A Santa Missa é fundamental e indispensável para a fé cristã e a vida espiritual. Ela é o sol que ilumina e sustenta a vida na Terra. Sem a Missa, a humanidade estaria imersa em trevas espirituais, sujeita à cólera divina e privada de todos os bens espirituais. A Missa é um sacrifício necessário para a adoração a Deus, a satisfação da justiça divina pelos pecados, o agradecimento pelos benefícios recebidos e a súplica por novas graças. Este sacrifício, oferecido por Jesus Cristo, proporciona proteção contra males e concede numerosas bênçãos, sendo um meio grandioso para o perdão dos pecados, a conversão dos pecadores e a obtenção de todas as graças necessárias para a vida espiritual e temporal. Além disso, a Missa é de grande auxílio para as almas do Purgatório, aliviando suas penas e resultando em sua libertação.*

SEM A MISSA, NAUFRAGARÍAMOS



ão devemos esquecer as palavras de São Leonardo de Porto-Maurício: “*A Santa Missa é o sol da cristandade, a alma da Fé, o centro da religião Católica apostólica com a sede em Roma, a que tendem todos os seus ritos, todas as suas cerimônias, todos os seus sacramentos. É a essência de tudo o que há de bom e belo na Igreja de Deus*”. Se não houvesse o Sol, que seria da Terra? Que seria da vida? Certo é que seria tudo trevas, horror, esterilidade e desolação.

E se fôssemos privados da Santa Missa, que seria de nós? Infelizes! Ficaríamos privados de todos os bens; sobrecarregados de todos os males. Estaríamos expostos a todos os raios da cólera de Deus. Eis o sol da Santa Igreja que dissipa as nuvens e torna sereno o céu. Eis aí o arco-íris que detém os raios da Divina Justiça.

Não fosse a Santa Missa, o Mundo estaria já no abismo, incapaz de suportar o imenso fardo de suas iniquidades. A Santa Missa é o poderoso sustentáculo que lhe permite subsistir. Conclui-se, de tudo isto, quanto este divino Sacrifício é necessário. Sabendo disso, então, sabeis aproveitá-lo o máximo que for possível.

Quando participamos da Santa Missa, devemos imitar Afonso de Albuquerque. Achando-se, com sua frota, em perigo de naufragar numa horrível tempestade, teve uma inspiração: tomou nos braços uma criança que viajava em sua nau, e, elevando-a ao alto, exclamou: “*Se todos somos pecadores, esta criaturinha é certamente sem mácula. Ah! Senhor, por amor deste*

inocente, compadecei-vos dos culpados!” A vista dessa criança inocente agradou tanto a Deus, que Ele acalmou o mar e devolveu a alegria àqueles infelizes, gelados já pelo terror da morte certa.

Semelhantemente, qual será a atitude do Eterno Pai, quando o sacerdote, levantando a Santa Hóstia, lhe apresenta o Divino Filho? Ah! Seu amor não pode resistir à vista do inocente Jesus; Ele se sente forçado a acalmar nossas tormentas e acudir a todas as nossas necessidades. Sem esta santa vítima, portanto, sem Jesus sacrificado por nós, primeiro sobre a Cruz, e todos os dias sobre nossos altares, estaríamos perdidos.

Com este tesouro da Santa Missa a nosso alcance, nossa esperança renasce. Se não opusermos obstáculos, teremos assegurado o Paraíso. Deveríamos, portanto, beijar nossos altares, perfumá-los de incenso, e, sobretudo, honrá-los com nosso máximo respeito, pois que deles nos vêm tantos bens!

Juntai as mãos e agradecei a Deus Pai que nos deu o mandamento tão doce de oferecer-Lhe muitas vezes a Vítima celeste. Agradecei-Lhe, sobretudo, pelo imenso proveito que dela recebeis, se sois fiel não somente em oferecê-la, mas de fazê-lo para os fins a que nos foi concedido este dom tão precioso.

VANTAGENS DESTES SANTO SACRIFÍCIO

Além da grandeza e da beleza da Santa Missa, há a necessidade de apresentarmos ainda as vantagens, ou seja, a utilidade deste Santo Sacrifício. Ainda que a excelência e a necessidade da Santa Missa não fossem bastante ponderáveis, como podíamos deixar de apreciar a magna utilidade que ela proporciona aos vivos e falecidos, aos justos e aos pecadores, para a vida e para a morte, e mesmo para depois da morte?

Para termos ideia do seu valor, imaginemos que somos aquele devedor do Evangelho, cuja dívida se elevava à enorme quantia de dez mil talentos²⁷. Chamado a prestar contas, humilha-se, implora e pede adiamento para satisfazer completamente o débito: *“Patientiam habe in me, et omnia reddam tibi”*. *“Tem paciência comigo, que tudo te pagarei”* (Mt 18, 26). Aí se tem o débito para com tal justiça divina. Deveis humilhar-vos e suplicar tempo bastante para assistir à Santa Missa; e ficai certos de que estas Santas Missas saldarão completamente todas as vossas obrigações (São Leonardo de Porto-Maurício).

Santo Tomás de Aquino, o Doutor Angélico, nos ensina quais são as dívidas que temos com Deus. Ele diz que há especialmente quatro, todas elas ilimitadas. A primeira é de adorar, louvar e honrar este Deus de majestade infinita e digno de infinitos louvores e homenagens. A segunda é dar-Lhe satisfação pelos pecados que cometemos. A terceira é render-Lhe graças pelos benefícios recebidos. A quarta é implorar-Lhe, como fonte de todas as graças. Ora, como é possível que pobres criaturas como nós, que nada possuímos, nem mesmo o ar que respiramos, possamos jamais satisfazer obrigações tão grandes? Consolemo-nos, pois aqui está um meio fácil. Façamos o possível para participar de muitas Missas e com a máxima

²⁷ Para se ter ideia da dimensão da parábola de Jesus, alguns historiadores propõem que 1 talento seja o equivalente ao acúmulo de bens de 15 anos de serviços.

devoção; mandemos celebrá-la também o mais que pudermos. Se bem que nossas dívidas sejam enormes e inumeráveis, não há dúvida de que, com o tesouro contido na Santa Missa, poderemos solvê-las inteiramente. E para melhor compreendermos estas dívidas, explicá-las-ei uma depois da outra, e grande será a nossa consolação ao ver a grande utilidade e inesgotável riqueza que podemos haurir de mina abundante para pagar todas.

PELA SANTA MISSA ADORAMOS DIGNAMENTE A DEUS

Nossa primeira obrigação para com Deus é adorá-Lo e honrá-Lo. É preceito da própria lei natural que todo inferior deve homenagem a seu superior. E quanto maior a dignidade deste, tanto maiores devem ser as honras que se lhes prestam. Daí resulta que, sendo Deus de majestade infinita, homenagens infinitas Lhe devemos.

Isto é o que se realiza na Santa Missa, pela qual Deus é adorado na medida que merece, porque é adorado por Deus mesmo, isto é, por Jesus que, pondo-se sobre o altar em estado de vítima, adora a Santíssima Trindade por um ato de infável dependência e tanto quanto Ela merece. E de tal modo que todas as outras homenagens que Lhe possam prestar as criaturas, comparadas a essa humilhação de Jesus, desaparecem como as estrelas em presença do sol.

PELA SANTA MISSA PODEMOS SATISFAZER A JUSTIÇA DIVINA PELOS PECADOS COMETIDOS

A segunda obrigação que temos para com Deus é de satisfazer à Sua justiça por tantos pecados cometidos. Que dívida imensa esta! Um único pecado mortal pesa tanto na balança da Justiça Divina que não bastariam, para expiá-lo, todas as boas obras de todos os mártires e de todos os santos passados, presentes e futuros.

No entanto, com o Santo Sacrifício da Missa, se considerarmos o seu valor intrínseco e seu preço, pode-se satisfazer plenamente por todos os pecados cometidos.

O mesmo sangue que derramou para resgatar o gênero humano é aplicado e oferecido especialmente na Santa Missa pelos pecados²⁸ daquele que a celebra ou manda celebrar, e de todos os que participam deste augusto Sacrifício. Só Deus sabe quantas almas escaparam das garras do pecado pelos socorros extraordinários que lhes provieram deste divino Sacrifício!

Assim conquanto às almas em estado de pecado mortal não lhes aproveite o valor no que tem de propiciatório, todos os pecadores deviam assistir muitas vezes à Santa Missa para alcançar mais facilmente a graça da conversão. Quanto às almas vivendo em paz com Deus, o Sacrifício da Santa Missa lhes dá uma força surpreendente para se manterem nesse estado.

²⁸ Não que o Sacrifício da Santa Missa apague por si mesmo e imediatamente nossos pecados, como é o caso do Sacramento da Confissão; mas obtém que eles nos sejam apagados, proporcionando-nos, seja no momento mesmo da Santa Missa, seja em outra ocasião oportuna, boas inspirações, movimentos salutareis e graças atuais que nos são indispensáveis para nos arrependermos dignamente de nossas faltas.

Quanto mais devemos crer na eficácia deste Sacrifício para desatar os laços espirituais, isto é, os pecados veniais, que de certo modo mantêm cativa a alma, impedindo-a de agir com a liberdade e o fervor que ela teria, não fossem esses entraves. Ó bem-aventurada Santa Missa, que nos restitui a liberdade de filhos de Deus, e satisfaz todas as penas devidas por nossos pecados!

No ponto de vista do Sacramento, todas as Missas são iguais. Quanto aos efeitos que delas provêm, no entanto, não é. Quanto maior a piedade atual ou habitual do celebrante, maior será o fruto de seu sacrifício. Assim, não fazer diferença entre um padre mais fervoroso e outro menos, seria o mesmo que, para pescar, lançar mão indiferentemente de uma rede de malhas pequenas ou grandes.

Diga-se o mesmo dos que assistem à Santa Missa.

Procura, sobretudo, assistir a uma única Missa com toda a devoção possível, do que assistir a cinquenta. Mais glória se dá a Deus com aquela única Missa, e retirais mais fruto, do que o outro há de tirar de cinquenta, apesar do número considerável.

“Na satisfação, olha-se mais a piedade do oferente que a quantidade da oblação”. “In satisfactione magis attenditur affectus offrentis quam quantitas oblationis”, diz Santo Tomás. Pode acontecer, sem dúvida, (como afirma um sério autor) que, com uma única Missa, assistida com extraordinária devoção, se dê satisfação à Justiça de Deus, por todos os pecados ainda do maior pecador, conforme se depreende do Santo concílio de Trento, que diz: “Graças à oferenda deste santo Sacrifício, Deus concede o dom da verdadeira penitência, e por ela o perdão dos pecados, ainda os mais graves.”

PELA SANTA MISSA AGRADECEMOS DIGNAMENTE A DEUS TODOS OS BENEFÍCIOS

A terceira dívida é a do reconhecimento pelos benefícios de que nos cumulou carinhosamente nosso Deus. Tomai nota de todos os favores que dEle tendes recebido, os bens da natureza e da graça, o corpo, a alma, os sentidos, as faculdades, a saúde, a vida. A própria vida, enfim, de seu Filho Jesus, e a morte que por nós sofreu, elevam além de qualquer medida a dívida de gratidão que temos com Deus. Como poderemos agradecer-Lhe suficientemente?

O meio de dar ações de graças suficientes ao boníssimo Deus nos é ensinado pelo rei Davi, que, contemplando com espírito profético o divino sacrifício, confessava que só ele bastava para dar a Deus ações de graças adequadas. *“Quid retribuam Domino pro omnibus quae retribuit mihi?” “Que retribuirei ao Senhor por todos os benefícios que me tem feito?”* E responde: *“Calicem levabo”. “Elevarei ao céu o cálice do Senhor”,* isto é, *“Oferecer-Lhe-ei um sacrifício que será infinitamente agradável, e com o qual, somente, satisfarei a minha dívida por tantos e tão grandes benefícios.”*

Este Sacrifício foi instituído pelo nosso Redentor, principalmente para este fim — para reconhecer a divina munificência e agradecer-Lhe. É por isso que se chama Eucaristia, o que significa *“ação de graças”*.

O próprio Cristo nos deu este exemplo, quando na Última Ceia, antes de pronunciar nessa Missa as palavras da consagração, elevou os olhos ao céu e deu graças a seu Pai: *“Elevatis oculis in caelum, tibi gratias agens fregit”*.

PELA SANTA MISSA PODEMOS OBTER TODAS AS GRAÇAS QUE NECESSITAMOS

A Santa Missa, ainda nos permite cumprir a quarta obrigação que temos para com Deus: orar e pedir-Lhe novos favores.

Grandes são as nossas misérias, tanto de corpo como de alma, e, por consequência, temos a necessidade de recorrer a Deus, a fim de que a todo momento Ele nos assista e nos socorra, pois só Ele é o autor e o princípio de todos os nossos bens temporais e eternos.

Como poderíamos, então, pedir-Lhe novos benefícios, vendo (o Senhor) a suprema ingratidão com que temos correspondido às Suas graças anteriores? Não merecemos estas graças. Jesus, porém, as mereceu por nós! Ele quis ser na Santa Missa uma hóstia pacífica, isto é, um sacrifício impetratório²⁹ para obter-nos de Seu Pai tudo aquilo de que temos necessidade.

Além disso, a Santa Missa nos obtém todos os bens temporais, contanto que concorram à salvação da alma — a saúde, a abundância, a paz —, e nos preserva dos males que se lhe opõem — epidemias, terremotos, guerras, fomes, perseguições, processos, inimizades, miséria, calúnias, injustiças, etc. Em suma, a Santa Missa nos proporciona todos os bens.

A SANTA MISSA NOS LIVRA DE UMA MULTIDÃO DE MALES

Além dos favores que solicitamos na Santa Missa, nosso boníssimo Deus nos concede muitos outros sem que o peçamos. É o que ensina São Jerônimo. *“Sem dúvida alguma, o Senhor nos dá todas as graças que pedimos na Santa Missa, contanto que nos sejam de vantagem; mas, o que é mais admirável, muitas vezes nos dá o que não pedimos.”* Por isso que a Santa Missa é o sol do gênero humano espalhando seus raios sobre os bons e sobre os maus.

Existe certa crença, por alguns atribuída a Santo Agostinho, de que durante o tempo em que se assiste à Santa Missa não se envelhece, mas a força e o vigor do fiel se mantêm. O que dizer disto? É certo que uma pessoa que assiste com devoção à Santa Missa conserva sua alma no caminho reto. *“Justus audiens Missam in via rectitudinis conservatur”*. *“Os Justos, ouvindo a Missa, são preservados no caminho da justiça”*. Cresce sempre em mérito e em graça, e faz na virtude novos progressos, que o tornam agradável a seu Deus.

²⁹ O mesmo que petição. Também chamada impetração, é o ato de rogar a Deus e lhe apresentar as nossas súplicas e preces.

Na Santa Missa está encerrado todos os frutos, todas as graças e todos os imensos tesouros tão abundantemente espalhados pelo Filho de Deus sobre a Igreja, sua Esposa, no Sacrifício cruento da Cruz.

A SANTA MISSA É DE GRANDE AUXÍLIO PARA AS ALMAS DO PURGATÓRIO

A Santa Missa tem um imenso valor para as almas do Purgatório, pois é um meio eficaz de libertação e satisfação de suas dívidas espirituais. Este Divino Sacrifício, ao ser oferecido pela Igreja, demonstra seu caráter impetratório e propiciatório³⁰. A tradição católica ensina que a Missa tem o poder de suspender as penas do Purgatório enquanto é celebrada, oferecendo alívio temporário às almas e, frequentemente, resultando em sua libertação.

A compaixão por essas almas é dada no reconhecimento das intensas dores que sofrem, comparáveis às do próprio Inferno, e pela privação da visão de Deus, que lhes causa imensa angústia. Devemos oferecer Missas pelas almas do Purgatório, pois essas almas, uma vez no Céu, tornam-se advogadas poderosas para seus benfeitores.

A Santa Missa é um meio poderoso para alcançar uma boa morte e a remissão das penas do Purgatório. A Santa Missa é um grandioso tesouro espiritual.

ORAÇÃO FINAL

† Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Amém.

Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois Vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora de nossa morte. Amém.

† Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Amém.



³⁰ **Impetratório** se refere à capacidade de algo de interceder ou pedir graças e favores de Deus. No contexto da Santa Missa, significa que a Missa é oferecida com o propósito de pedir a Deus graças e bênçãos para os vivos e os mortos.

Propiciatório se refere à capacidade de algo de aplacar a ira de Deus ou de obter Sua misericórdia. No contexto da Santa Missa, significa que o sacrifício da Missa é oferecido para apaziguar a justiça divina e obter o perdão pelos pecados.



AULA 26

A MEDITAÇÃO DA SAGRADA PAIXÃO

Orações iniciais, descritas no início do conteúdo desta disciplina.

Sumário: *A meditação sobre a Sagrada Paixão de Cristo revela a profundidade da justiça e da misericórdia divina, mostrando como a Cruz, sinal máximo do sacrifício de Jesus, expia o pecado. A reflexão destaca que Deus, por amor, escolheu entregar Seu Filho para redimir a humanidade, e a Paixão de Cristo é o maior exemplo de amor incondicional. Na meditação, buscamos renunciar ao mal e obter a graça da paciência diante das provações. Busca-se unir ao sofrimento de Cristo para seguir verdadeiramente o caminho cristão. A Via-Sacra é o exercício espiritual que nos convida a imitar as virtudes de Cristo e a confiar na misericórdia divina em todas as circunstâncias.*

A PAIXÃO DE CRISTO FAZ-NOS CONHECER A JUSTIÇA E A MISERICÓRDIA DE DEUS



e acordo com São João Crisóstomo, não há melhor ideia do rigor da Justiça Divina senão a da vista de Seu Filho — Jesus Crucificado. Não é tanto a visão do Inferno que evidencia como as criaturas são castigadas pelos seus pecados que nos mostra esse vigor. Na Cruz, no entanto, o próprio Deus padece pelos pecados dos homens, para poder expiar esses pecados. É grave não se ajuntar a ela ou mesmo negligenciá-la.

Estava Jesus Cristo talvez obrigado a morrer por nós? De nenhuma forma, responde Isaías, mas “foi sacrificado porque Ele mesmo o quis” (Is 53, 7). Ele podia, com toda justiça, abandonar o homem à sua ruína livremente escolhida. Seu amor, porém, não Lhe permitiu entregar-nos à perdição eterna e, por isso, quis submeter-se a uma morte tão dolorosa para obter-nos a salvação. “Ele nos amou e se entregou a Si mesmo por nós” (Ef 5, 2).

Deus amou o homem desde toda a eternidade. “Com amor eterno amei-te Eu” (Jr 31, 3). Vendo, porém, Sua Justiça obrigada a condenar o homem e a lançá-lo eternamente no Inferno, sentiu-se levado por Sua Misericórdia a inventar um meio de o salvar. E que meio foi esse? Devia em pessoa satisfazer à Justiça Divina por meio de Sua Morte. O Senhor quis, por isso, que o decreto que condenava o homem à morte eterna fosse pregado na Cruz e apagado com Seu Sangue.

Por esse mesmo motivo Jesus Cristo, ao morrer na Cruz em satisfação de nossos pecados, só tinha palavras de compaixão para conosco. Ele pediu a Seu Pai que usasse de misericórdia não só para com os judeus que desejavam a Sua Morte, como também para com os verdugos que O executavam: *“Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem”* (Lc 23, 34). Em vez de castigar os dois ladrões que blasfemavam, o Divino Salvador prometeu a um deles, que Lhe pedia misericórdia, no excesso de Sua compaixão, que lhe daria o Paraíso naquele mesmo dia: *“Em verdade, Eu te digo que hoje mesmo estarás comigo no paraíso”* (Lc 23, 43). Do alto da Cruz Jesus Cristo nos deu a todos, na pessoa de São João, a Santíssima Virgem por Mãe: *“Ele disse ao discípulo: Eis aí tua Mãe”* (Jo 19, 27). Na Cruz deu-se Ele por feliz por ter feito tudo o que exigia a nossa salvação e terminou o Seu Sacrifício dando Sua Vida por nós.

Assim, pela Morte de Jesus Cristo, o homem foi libertado do pecado e do poder do demônio; foi reintegrado na Graça de Deus e, mesmo, em maior Graça do que a que perdera pela queda de Adão. *“Quando abundou o pecado, superabundou a Graça”* (Rm 5, 20).

A PAIXÃO DE CRISTO NOS MOSTRA O AMOR DO ETERNO PAI PARA COM OS HOMENS

“Assim amou Deus ao mundo, diz Nosso Senhor, que lhe deu Seu Filho Unigênito” (Jo 3, 16). Devemos considerar, nessa dádiva, primeiramente, quem é que no-la faz; segundo, o que nos é dado; e, terceiro, com que amor é ela feita.

Quanto mais nobre é aquele que nos presenteia, tanto mais valiosa é a dádiva. Se alguém recebe uma flor da mão de um rei, ele a preza mais do que um presente valioso recebido de outra pessoa. Em que consideração, pois, não devemos ter uma dádiva que nos vem das mãos do próprio Deus?! E qual é o presente que Deus nos fez? É o Seu próprio Filho. Para o amor que Deus nos tinha parecia pouco todos os outros bens que Ele nos tinha dado; queria dar-nos a si mesmo na Pessoa de Seu Filho Humanado. *“Ele não nos deu nenhum servo, nenhum anjo, mas Seu próprio Filho Unigênito”*, diz São João Crisóstomo.

E por que fez Ele isso? Por nenhum outro motivo senão por amor. Pilatos entregou Jesus aos judeus por temor; o Padre Eterno, porém, deu-nos Seu Filho Unigênito por amor. Se alguém nos dá alguma coisa, o primeiro benefício que recebemos, segundo Santo Tomás de Aquino, consiste no amor que o doador patenteia pelo presente, pois que a causa única de um verdadeiro presente é o amor; o presente perde o caráter de um verdadeiro presente, quando é dado por um outro motivo fora do amor.

O presente, porém, que o Padre Eterno nos fez de Seu Divino Filho, foi um verdadeiro presente que Ele nos deu sem que tivéssemos o mínimo direito a ele. E por isso foi que a Encarnação, como nota o mesmo Santo Doutor, foi operada pelo Espírito Santo, isto é, pelo Amor.

Deus, porém, não só nos deu Seu único Filho por puro amor; Ele no-lo deu também com amor infinito. Foi justamente isso o que Nosso Senhor queria significar quando disse: *“Tanto assim amou Deus ao mundo”*. A palavra *“Tanto assim”*, diz São João Crisóstomo, significa a grandeza do amor com que Deus nos fez esse inefável presente. Que maior amor poderia

Deus nos mostrar do que condenar à morte Seu Filho inocente para nos remir a nós, miseráveis pecadores? *“Não poupou a Seu próprio Filho, mas entregou-O por todos nós”* (Rm 8, 32).

Que dor não deveria sentir o Padre Eterno, se Ele estivesse sujeito à dor, vendo-se obrigado, de certo modo, por Sua Justiça, a condenar a uma morte tão cruel e degradante esse Seu Filho, que Ele amava tanto como a si mesmo! O Senhor queria vê-Lo consumido pelas dores (Is 53, 10).

À vista da grandeza desse amor de Deus para conosco, exclamava São Paulo: *“Deus, que é rico em misericórdia, pela extremada caridade com que nos amou, ainda quando estávamos mortos pelo pecado, nos deu vida justamente em Cristo”* (Ef 2, 4). O Apóstolo diz: Pelo excessivo amor com que nos amou. Mas como poderá existir em Deus um excesso? O Apóstolo assim se exprime para nos mostrar que Deus fez pelo homem coisas que não seriam acreditadas por ninguém, se a fé não nos convencesse delas. Por isso a Igreja exclama, fora de si de admiração: Ó admirável condescendência de Vosso amor para conosco! Ó infinito amor de nosso Deus que, para libertar o servo, entregou Seu próprio Filho!

POR SUA PAIXÃO JESUS CRISTO DÁ A CONHECER QUANTO ELE NOS AMA

É um dogma que Jesus Cristo nos amou e que, por nosso amor, se entregou à morte. Quem poderia matar um Deus onipotente, se Ele mesmo, por livre vontade, não quisesse morrer por nós? *“Eu dou a minha vida; e ninguém a tira de mim, mas Eu mesmo a entrego”* (Jo 10, 17), diz o Salvador. É por isso, diz São João, que Jesus Cristo com Sua Morte, nos deu a prova mais evidente possível de Seu Amor. Com Sua Morte Jesus Cristo nos deu uma prova tão clara de Seu Amor, nota um piedoso escritor, que não Lhe ficou mais nada para nos convencer da grandeza de Seu Amor.

Na consideração da palavra: *“Tenho sede”*, pronunciada por Jesus agonizante na Cruz, diz São Lourenço Justiniano que essa sede não provinha da necessidade de beber, mas da ardente chama de Seu Amor para conosco. Com essas palavras o divino Salvador não queria tanto dar a conhecer Sua sede corporal, como Seu desejo de sofrer por nós, do mesmo modo como quis Ele mostrar por Suas dores todas o Seu Amor para conosco e o ardente desejo de ser amado por nós. São Basílio de Selêucia acrescenta que Jesus disse que tinha sede para nos dar a conhecer que Ele morria por amor de nós de tal modo que esse Seu desejo foi ainda maior que todos os sofrimentos que padeceu realmente.

Quem compreenderá jamais o amor que o Verbo Divino tem a cada um de nós? Pergunta São Lourenço Justiniano. Ele sobrepuja imensamente o amor de um filho para com sua mãe e o de uma mãe para com seu filho. Ele é tão grande que Nosso Senhor revelou a Santa Brígida que Ele estaria pronto a padecer tantas vezes quantas são as almas que se acham no Inferno, se elas ainda fossem capazes de redenção. Segundo Santo Tomás, o divino Redentor, justamente para nos mostrar Seu Amor imenso, pediu a Deus perdão para Seus algozes (Lc 23, 34). Ele pediu o perdão e foi atendido, de forma que eles, depois de O verem morto, se arrependeram de seus pecados.

Por fim, devemos pensar em que o Divino Salvador padeceu em especial por cada um de nós tudo o que Ele sofreu durante a Sua Paixão: *“Vivo na fé do Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim”*, diz São Paulo (Gl 2, 20). O que diz o Apóstolo deve também dizer cada um de nós. Por isso, escreve Santo Agostinho que o homem foi resgatado por um tão grande preço que parece valer muito mais do que o próprio Deus. E o Santo ousa até acrescentar: *“Senhor, Vós não só me amastes como a Vós mesmo, mas até mais que a Vós, porque quisestes sofrer a morte para dela me livrardes”*.

MEDITAÇÃO SOBRE A PAIXÃO DE CRISTO, SEGUNDO A VIA-SACRA (II)

QUARTA ESTAÇÃO, MARIA SANTÍSSIMA VEM AO ENCONTRO DE JESUS

Ų. Adoramus te Christe et benedicimus tibi. **Ŕ.** Quia per sanctam Crucem tuam redemisti mundum.

Carregar a cruz significa, muitas e muitas vezes, renunciar. Renunciar antes de tudo ao ilícito, ao pecaminoso. Mas renunciar também, e muitas vezes, ao que, sendo lícito e até admirável em si, torna-se mau ou menos perfeito em consequência de determinadas circunstâncias.

No caminho de vossa Paixão, Senhor, destes um terrível exemplo, um luminoso e admirável exemplo de renúncia ao que é lícito. O que há de mais lícito, Senhor, do que as carícias, do que o desvelo de vossa Mãe Santíssima? Tudo quanto d'Ela sabemos é que, por mais que d'Ela saibamos algo, d'Ela jamais saberemos tudo, tal é o oceano incomensurável de perfeições e de graças que Ela contém. Vossa Mãe, Senhor, está em vosso caminho. Ela quer consolar-Vos. Ela quer consolar-Se conVosco. Vede-A. Como é legítimo que Vos detenhai ao longo da via dolorosa, consolando-Vos e consolando-A. Entretanto, o momento da separação depois deste rápido colóquio chegou. Oh dilaceração, é preciso que Vos separeis um do outro. Nem Ela nem Vós, Senhor, contemporizais. O sacrifício segue seu curso. E Ela fica à beira do caminho... É melhor nem dizer como, vendo-Vos, que Vos distanciais aos poucos vertendo sangue, com passo incerto e vacilante, em demanda do último e supremo sacrifício. Maria



tem pena de Vós. Ela Vos segue com o olhar, vendo-Vos só, em mãos de verdugos e de inimigos. Quem há de Vos consolar? Oh vontade irresistível, arrebatadora, imensa, de seguir vossos passos, de Vos dizer palavras de meiguice que só Ela sabe dizer-Vos, de amparar vosso Corpo divino, de Se interpor entre os carrascos e Vós, e, prostrada como quem implora uma esmola inestimável, suplicar para Si um pouco dos golpes que Vos dão, contanto que com isto Vos firam um pouco menos, não Vos magoem tanto a carne inocente. Ó Coração de Mãe, o que sofrestes neste lance!

Mães de Padres, mães de Missionários, mães de Religiosas, quando sentirdes o pesar de tanta separação cruel, pensai em Maria Santíssima, que deixou seu Divino Filho seguir só, o caminho que Lhe traçara a vontade de Deus. E pedi que Ela console vossa ditosa dor.

Mas há, mil e mil vezes infelizes, outras mães abandonadas. Mães de ímpios, mães de libertinos, mães de pecadores, também vós ficais a sós, por vezes, no caminho da dor, enquanto vossos filhos correm pelas vias da perdição. Pedi a Nossa Senhora que vos console, que vos dê alento e perseverança, e que ofereça parte da dor que neste passo sofreu, para que vossos filhos possam algum dia voltar a vós. Pensai em Santa Maria, e jamais desespereis. Para os vossos filhos transviados, Nossa Senhora será a Stella Maris, que cedo ou tarde os reconduzirá ao porto.

Pater Noster. Ave Maria. Gloria Patri.

Ÿ. Miserére nostri Dómine. **R.** Miserére nostri.

Ÿ. Fidélium ánimae per misericordiam Dei requiéscent in pace. **R.** Amen.



QUINTA ESTAÇÃO, O CIRENEU AJUDA JESUS A LEVAR A CRUZ

Ÿ. Adorámus te Christe et benedícimus tibi. **R. Quia per sanctam Crucem tuam redemísti mundum.**

Simão Cireneu vinha de longe. Não sabia qual era a algazarra, o alarido, o vozerio que por vezes o vento lhe trazia. Uma grande festa, provavelmente, tantos eram os risos, os brados, as vozes, que em animada sucessão se faziam ouvir. Aproximou-se. Forte, jovem, cheio de vida, parecia num certo sentido a antítese do pobre Ser de túnica branca — a túnica dos doidos — coroa de espinhos, todo ensanguentado, um leproso cheio de chagas, que paciente e lentamente arrastava a Cruz. O contraste

serviu aos algozes de inspiração. Tomaram-no para ajudar Cristo, Senhor nosso, a carregar a Cruz. O Cireneu aceitou. A princípio, talvez por constrangimento. Depois, por piedade. Ficou na História, e, mais do que isto, conquistou para si o Reino do Céu.

Como é frequente esta cena! No caminho de nossa vida, vemos a Igreja que passa, perseguida, açoitada, caluniada, odiada, e, ó meu Deus, por vezes até traída por muitos que se dizem filhos da luz só para melhor poderem propagar as trevas. Vemos isto. Na aparência a Igreja está fraca, vacilante, agonizante talvez. Na realidade, Ela é divinamente forte, como Jesus. Mas nós só vemos a fraqueza com os olhos da carne. E somos tão míopes com os olhos da fé, que discernimos a custo a invencível força divina que a conservará sempre e sempre. A Igreja vai ser derrotada. Vai morrer. Eu, pôr ao serviço dessa perseguida, dessa caluniada, dessa derrotada, a exuberância de minhas forças, de minha mocidade, de meu entusiasmo? Nunca! Distanciemo-nos. Não somos Cireneus. Cuidemos só e só de nossos interesses. Seremos advogados prósperos, comerciantes ricos, engenheiros bem colocados, médicos de boa clientela, jornalistas ilustres ou prestigiosos professores. E só no dia do Juízo é que compreenderemos o que perdemos quando a Santa Igreja passou por nosso caminho, e nós não a ajudamos!

Apostolado, apostolado, apostolado! Apostolado saturado de oração, impregnado de sacrifício. É este o meio pelo qual devemos ser Cireneus da Santa Igreja.

Meu Senhor, fazei com que sejamos tão fiéis a esta graça quanto o próprio Cireneu. Oh, bem-aventurado Cireneu, rogai por nós.

Pater Noster. Ave Maria. Gloria Patri.

✠. Misérére nostri Dómine. **R.** Misérére nostri.

✠. Fidélium ánimae per misericórdiam Dei requiéscent in pace. **R.** Amen.

SEXTA ESTAÇÃO, VERÔNICA ENXUGA A FACE DE JESUS

✠. Adorámus te Christe et benedícimus tibi. **R.** Quia per sanctam Crucem tuam redemísti mundum.

Todos se riam de Vós, meu Senhor, todos Vos feriam, Vos ultrajavam. Vossa Face divina, outrora radiante de formosura, está agora desfigurada inteiramente. Ela só exprime a dor, na sua forma mais aguda, mais pungente.

Aos olhos dessa turbamulta, que papel faria quem Vos consolasse, quem tomasse vosso partido, quem se declarasse vosso?



Atrairia sobre si muito do ódio, do desprezo, da humilhação que sobre Vós se lançava como impetuosa torrente, do íntimo daqueles corações empedernidos, e, mais, de todas as ruas, praças e vielas da cidade deicida.

A Verônica viu isto. Mas ela não teve medo. Aproximou-se de Vós. Consolou-Vos. E, oh divina recompensa, vossa Face divina ficou para sempre estampada na toalha com que ela quis enxugá-la.

Meu Deus, queira meu coração consolar-Vos sempre. E especialmente quando todos se envergonharem de Vós, dai-me forças para Vos consolar, proclamando-Vos em alto e bom som o meu Divino Rei.

Como recompensa, não quero outra, senão ter vossa Face estampada em meu coração.

Pater Noster. Ave Maria. Gloria Patri.

Pater Noster. Ave Maria. Gloria Patri.

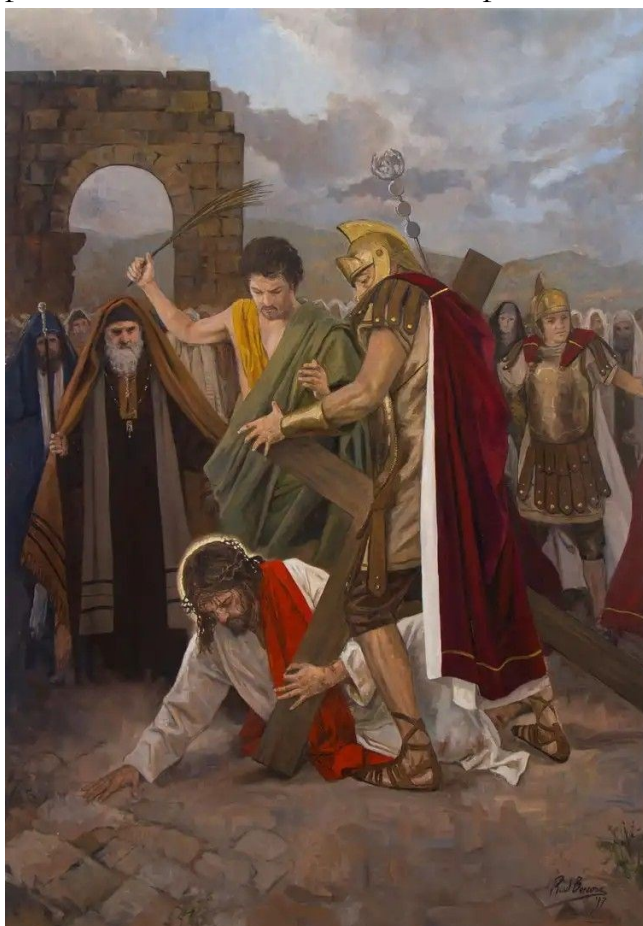
Ÿ. Miserére nostri Dómine. R. Miserére nostri.

Ÿ. Fidélium ánimae per misericordiam Dei requiéscent in pace. R. Amen.

SÉTIMA ESTAÇÃO, JESUS CAI PELA SEGUNDA VEZ

Ÿ. Adorámus te Christe et benedícimus tibi. R. **Quia per sanctam Crucem tuam redemísti mundum.**

Caístes mais uma vez, Divino Senhor. Como é duro o caminho da Cruz! Foi duríssimo para Vós. Será também duríssimo para vossos seguidores.



Há momentos em que os caminhos parecem todos fechados para nós, o céu se tolda, as esperanças desaparecem, as apreensões povoam de negros fantasmas a nossa imaginação. As forças começam a fraquejar. Não podemos mais. Embora caiamos debaixo da cruz, meu Deus, mais uma vez Vos suplicamos, por vossas entranhas misericordiosas, pelo vosso Coração Sagrado, pelo amor que tínheis à vossa Mãe, pelas dores cruelíssimas que neste passo sofrestes, não permitais que saíamos da estrada do sofrimento e da virtude, e que atiremos para longe de nós a cruz. Socorrei-nos então, Senhor meu de misericórdia. Porque o que queremos é o cumprimento inteiro de nosso dever.

Mas ouvi, Deus benigno, a súplica de nossa fraqueza. Pelo muito que sofrestes,

pela superabundância de vossos méritos infinitos, abrandai se possível nosso sofrimento, tornai mais leve nossa cruz, sede Vós mesmo nosso misericordioso Cireneu, em toda a extensão em que o permitam nossa santificação e os supremos interesses de vossa glória. É o que Vos pedimos, Senhor, pela onipotente intercessão de vossa Mãe.

Pater Noster. Ave Maria. Gloria Patri.

℣. Miserére nostri Dómine. ℞. Miserére nostri.

℣. Fidélium ánimae per misericordiam Dei requiésant in pace. ℞. Amen.

ORAÇÃO FINAL

† Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Pai-Nosso, que estais no Céu, santificado seja o vosso Nome, venha a nós o Vosso Reino, seja feita a Vossa vontade, assim na Terra como no Céu. O pão nosso de cada dia nos dai hoje; perdoai-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores; e não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal. Amém.

Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois Vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora de nossa morte. Amém.

† Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.





AULA 32

A DEVOÇÃO À SANTÍSSIMA VIRGEM MARIA

Orações iniciais, descritas no início do conteúdo desta disciplina.

Sumário: *Buscamos compreender quais as qualidades que a consagração à Santíssima Virgem Maria deve ter para ser agradável a ela e proveitosa para nós. Ela deve ser sincera, completa e irrevogável. Nossos deveres são honrar, servir e amar a Virgem Maria diariamente. Incluímos exemplos práticos de devoção, como a experiência de Tomás de Kempis, e a necessidade de perseverança e zelo na prática desta devoção. Por fim, trazemos algumas orações e instruções sobre como honrar Maria.*

QUALIDADES QUE DEVE TER A CONSAGRAÇÃO À SANTÍSSIMA VIRGEM MARIA



Para que a nossa consagração à Mãe de Deus, possa ser agradável para ela e proveitosa para nós, deve ser sincera, isto é, não consistir somente em palavras e vãs protestações de fidelidade e de amor, mas partir de um coração profundamente cheio de respeito, de veneração e de ternura para com esta admirável Mãe.

Deve ser perfeita e inteira, isto é, devemos oferecer e consagrar à glória de Maria o nosso espírito, o nosso corpo, todas as nossas faculdades, tudo o que possuímos, tudo o que somos, desejando depender dela em todas as coisas, como de Soberana Senhora e cara Mãe.

Enfim, esta consagração deve ser irrevogável, uma vez que nos consagremos a Maria, devemos considerar-nos como não pertencendo já a nós mesmos, mas só como filhos, servos, súditos, escravos desta augusta Rainha, que deve reinar para sempre em nossos corações.

Consideremos a quanto nos obriga a nossa consagração a Maria. Na qualidade de filhos e servos da Rainha do céu, devemos honrá-la, servi-la todos os dias de nossa vida com profundíssimo respeito, com todos os sentimentos de veneração devidos à Mãe de Deus; devemos amá-la como nossa Mãe, com toda a ternura de que os nossos corações são capazes; invocá-la todos os dias com inteira confiança, publicar por toda a parte as suas grandezas, ganhar-lhe servos fiéis, dilatar o seu culto quanto em nós couber, enfim trabalhar por seguir os seus passos, imitar seus exemplos e as eminentes virtudes, que a fizeram a mais santa de todas as criaturas. Tais são os deveres, que deve impor-nos a consagração de nós mesmos à Santíssima Virgem. Estamos resolvidos a cumpri-los fielmente?

Consideremos as vantagens que estão ligadas a esta consagração. A devoção à Mãe de Deus traz consigo tantas bênçãos que a eternidade toda não será assaz longa para reconhecermos os benefícios que dela provém. Os pobres encontram nesta devoção riqueza para aliviar sua indigência, os enfermos remédios para seus males, os ignorantes ciência, os fracos força, os aflitos consolação, os que gemem nos trabalhos descanso, os que vivem inquietos paz, os pecadores graça, os justos santificação, as almas do Purgatório o suspirado livramento. Não há condição alguma que não participe de suas liberalidades: não há nação, não há reino, não há país que não experimente a sua proteção; toda a terra está cheia de suas misericórdias. O coração de Maria, depois do de Jesus, é o mais puro, o mais terno, o mais compassivo de todos os corações, tem só por si mais amor e perfeição, do que todos os anjos e santos; e tem para conosco incomparavelmente maior ternura e compaixão do que todos os bem-aventurados. Deste coração misericordioso, como de um manancial inexaurível, dimana para todas as criaturas uma multidão quase infinita de bens. Ora, se esta divina Mãe se interessa tão vivamente por todos os homens, que não fará ela em favor dos que a amam, dos que, para a honrar e servir, lhe consagram todos os afetos do seu coração?

ORAÇÃO

Ó Mãe do divino amor, sabeis que Jesus não contente de Se ter feito nosso advogado para com Seu eterno Pai, vos estabeleceu nossa mediadora perante Ele, e deu tanta eficácia às vossas súplicas que nada lhes é recusado. A vós, pois, recorro, ó esperança dos miseráveis; é tal a minha confiança em vós, que muito mais espero da vossa proteção e misericórdia, do que de todas as minhas obras, por mais santas que elas fossem. Aquele que é por vós protegido, não pode perder-se; o céu e a terra o sabem. Por isso, embora se esqueçam de mim todas as criaturas, me desampare todo o universo, contanto que de mim vos não esqueçais, que eu não seja por vós abandonado, tenho tudo quanto desejo. Ó Maria, em vós confio; nesta esperança desejo morrer, repetindo com o coração e com a boca: Jesus é minha esperança; e depois de Jesus sois vós, ó Virgem Maria!

TOMÁS DE KEMPIS E A SUA DEVOÇÃO À SANTÍSSIMA VIRGEM

O venerável Tomás de Kempis, piedoso autor do famoso livro a Imitação de Cristo, manifestou desde a mais tenra infância, uma particular devoção pela Santíssima Virgem. Cumpria com o maior fervor todas as devoções que se tinha imposto para com esta divina Mãe. Porém, um dia, principiou a faltar a elas, e o seu fervor foi desaparecendo insensivelmente, até que as abandonou de todo. Foi então que um sonho misterioso lhe fez conhecer a gravidade da sua falta.

Sonhou que estava na sala aonde habitualmente dava as suas lições, quando viu a Rainha do Céu descer entre nuvens, com o rosto inundado de brilho sobrenatural e o vestido de uma alvura deslumbrante! Passeava Ela em volta do recinto e parava junto de cada um dos

religiosos, a quem falava com bondade, dando-lhe as mais evidentes provas da sua maternal ternura.



Beato Tomás de Kempis.

À vista disto, Tomás, lançando sobre a Santíssima Virgem olhares que manifestavam a sua ardente veneração e amor, esperava impaciente que a Senhora se aproximasse dele, e dizia para si:

— Confesso que sou indigníssimo destes testemunhos de afeto da Mãe do meu Deus, ousou, contudo, esperar que me os dispensará também!...

Enganou-se, porém, na sua esperança, porque Maria aproximando-se-lhe, fixou-o severamente, e, longe de lhe testemunhar a sua ternura, repreendeu-lhe a culpável negligência, a sua covarde docilidade às sugestões do demônio.

— Onde estão os teus piedosos exercícios? lhe perguntou a Santíssima Virgem. Como desapareceu o fervor das tuas orações, a terna

devoção com que recitavas o meu rosário e dizias outrora o meu ofício?

E tiveste a presunção de esperar que te testemunhasse o meu amor? Vai, retira-te de mim, e não esperes que te perdoe, sem que sinceramente te arrependas e emendes!

E dizendo isto a Santíssima Virgem elevou-se de novo entre nuvens, deixando Tomás de Kempis na maior consternação!

Quando despertou, recordou-se comovido do sonho que tivera, e sondando bem a consciência, reconhecendo humildemente a sua culpa, foi prostrar-se ante uma imagem de Maria, e implorando perdão, prometeu-lhe corrigir-se e nunca mais se tornar culpado de frieza e esquecimento para com esta divina Mãe! Tomás foi fiel ao cumprimento desta promessa, porque retomando as suas antigas devoções, cumpriu-as com ardente e constante fervor até ao fim da vida, não as omitindo nem um só dia.

Feliz repreensão que trouxe de novo ao bom caminho esta alma que principiava a desviar-se e a deter-se talvez à borda do precipício!

Sirva este exemplo de estímulo a nunca deixarmos as práticas de devoção que temos para com a Santíssima Virgem, e a corrigir-nos de tamanha falta, se por desgraça nela temos caído, e continuamos tíbios para com esta misericordiosa Mãe.

Que belo, este dia, para renovarmos o nosso fervor e propósitos à Santíssima Virgem, consagrando-nos a ela franca e incondicionalmente!

SOBRE O ZELO PELOS INTERESSES DA GLÓRIA DE MARIA SANTÍSSIMA

Maria é vossa Mãe e com benefícios contínuos vos dá evidentes provas do seu amor maternal. Como filho, se desejais honrá-la, esforçai-vos ao máximo em promover sua honra e glória. Imitai o cuidado que ela tem por vós, defendendo com zelo os seus interesses, e aproveitando as ocasiões de promover a sua glória. Empenhai-vos de ora em diante por aumentar, quanto puderdes, o número dos seus servos. Quando se oferecer ocasião, inspirai a vossos parentes, amigos e conhecidos os exercícios de devoção em honra da Senhora.

Sejam eles o vosso mais agradável recreio.

Se com palavras não podeis alentar nos corações frouxos o amor que é devido à Mãe celeste, ao menos procurai consegui-lo com o exemplo. Pedi a Deus que derrame as suas graças nos corações de todos os homens, para que, chegando todos a conhecer e amar ao divino. Jesus, aprendam também a conhecer e amar a sua divina Mãe. E será possível que os homens deixem de amar aquela Senhora, que desde toda a eternidade foi o objeto das complacências de Deus e que ama a seus filhos com amor mais extremoso?!

“É sinal de predestinação ser devoto da Mãe de Deus” (Santo Afonso Maria de Ligório).

DAS PRÁTICAS DE DEVOÇÃO À SANTÍSSIMA VIRGEM MARIA

É moralmente impossível que um verdadeiro devoto de Maria se perca, desde que ele viva sem pecado ou, pelo menos, tenha o desejo de se arrepender. Maria certamente o ajudará nesses casos. No entanto, se alguém peca intencionalmente esperando ser salvo por ela, torna-se indigno de sua proteção.

Nossa devoção deve ser perseverante, pois, como São Bernardo afirma, apenas quem persevera recebe a coroa. Tomás de Kempis, quando era menino, orava diariamente à Virgem Maria. No entanto, ao interromper essa prática por um tempo, ele sonhou que Maria abraçava seus companheiros, mas quando chegou a sua vez, ela o excluiu devido à sua falta de perseverança.

“Que esperas de mim, tu que deixaste as tuas devoções? Afasta-te, que és indigno de um abraço meu”. Tomás despertou aterrorizado e recomeçou com as costumadas devoções. *“Com razão assegura por isso Ricardo de São Lourenço: Quem é perseverante na devoção a Maria, pode nutrir a bela esperança de ver realizados todos os seus desejos. Como ninguém, entretanto, pode estar certo de tal perseverança, ninguém por isso pode também ter certeza de sua salvação, antes da morte”*

Memorável ensinamento deixou a seus companheiros São João Berchmams, da Companhia de Jesus. Estando ele para morrer, perguntaram-lhe por um obséquio que fosse muito agradável a Nossa Senhora e dela lhes obtivesse a proteção. O santo respondeu: *“Pouca coisa, mas com constância”.*

Vou apresentar, de forma simples e breve, várias maneiras de honrar a Nossa Senhora para ganhar sua benevolência. Esta prática é, em minha opinião, a mais importante de todas que menciono nesta obra. No entanto, não recomendo que o leitor pratique todas elas, mas sim que escolha algumas e as faça com constância. Perseverar nesses atos de devoção é fundamental, pois muitos dos que foram condenados poderiam ter sido salvos se tivessem mantido a prática de sua devoção à Virgem Maria.

A SAUDAÇÃO ANGÉLICA

Por ela lhe renovamos a alegria que sentiu, quando São Gabriel lhe anunciou que fora eleita para Mãe de Deus. Nessa intenção devemos saudá-la muitas vezes com a Ave-Maria.

Saudai-a com a Ave-Maria, diz Tomás de Kempis, porque ela gosta muito dessa saudação. Que não lhe podemos dirigir saudação mais agradável, do que com a Ave-Maria, disse-o a Virgem a Santa Matilde. Por ele será também saudado todo aquele que a saúde. São Bernardo, certa ocasião, ouviu de uma estátua da Senhora as palavras: Eu te saúdo, Bernardo! Ora, a saudação de Maria consiste sempre em alguma nova graça, diz Conrado de Saxônia. Pergunta Ricardo:

“É possível que Maria recuse mais uma graça a quem dela se aproxima e diz: Ave, Maria?”

A Santa Gertrudes prometeu a Mãe de Deus tantos auxílios na hora da morte, quantas Ave-Marias lhe houvesse recitado em vida. Alano a Rupe afirma que, ao ouvir essa saudação angélica, alegra-se o céu, treme o inferno e foge o demônio. Com efeito, atesta-o Tomás de Kempis, pois com uma Ave-Maria pôs em fuga o demônio que lhe aparecera.

A prática dessa devoção pode ser a seguinte:

a) Dizer de manhã e de noite, ao levantar e ao deitar-se, 3 Ave-Marias, ajuntando depois de cada uma a pequena jaculatória: *“Por vossa pura e imaculada Conceição, ó Maria, purifícai meu corpo e santifícai minha alma”*.

Em seguida, devemos pedir a bênção a Maria, conforme fazia sempre Santo Estandeu, pondo-nos sob o manto de nossa Mãe e pedindo que naquele dia ou naquela noite nos livre de todo pecado. É recomendável que, para esse fim, tenhamos junto ao leito uma bela imagem da Santíssima Virgem.

b) Recitar o Anjo do Senhor com as três Ave-Marias usuais, pela manhã, ao meio dia e à noite.

Foi João XXII, o primeiro Papa que indulgenciou esta devoção (1328). Em 1724, Bento XIII concedeu cem dias de indulgências a quem recitar o Anjo do Senhor, e indulgência plenária a quem rezar durante um mês, confessando-se e comungando.

Outrora, ao som das Ave-Marias, todos se ajoelhavam para rezar o Anjo do Senhor. São Carlos Borromeu não se acanhava de descer da carruagem, para recitá-lo de joelhos na rua, mesmo na lama muitas vezes. Aos sábados de tarde e durante todo o domingo recita-se de pé. No tempo de Páscoa, como explica Bento XIV, em lugar dele recita-se a antífona *“Regina caeli laetare”* – Rainha do céu, alegra-te.

c) Saudar a Mãe de Deus com a Ave-Maria, sempre que se ouve soar o relógio.

À imitação de Santo Afonso Rodriguez, irmão da Companhia de Jesus (1617), o qual à noite era acordado pelos anjos para saudar a Senhora. Saudá-la ao sair de casa e ao entrar nela, para que a Virgem dentro e fora de casa nos livre do pecado. E depois, em espírito, beijar-lhe os pés, como fazem os Cartuxos.

d) Fazer o mesmo quando se passa diante de uma imagem da Mãe de Deus.

É bom colocar, quando se pode, uma bela imagem de Maria na parede da casa, para que o transeunte a possa venerar. Em Nápoles e Roma há esse belo costume.

e) Por ordem da Santa Igreja, começa e termina cada hora do Divino Ofício com a recitação da Ave-Maria.

f) Ler, durante um quarto de hora, algum livro que lhe trate das glórias.

EXERCÍCIOS DE PENITÊNCIA

a) Com a devida licença do confessor, impor-se alguma mortificação exterior, como o cilício, o jejum, a abstinência de frutas à mesa, de comidas mais saborosas. Melhores são, entretanto, durante essas novenas, as mortificações interiores, como abster-se de ver e ouvir curiosidades, entregar-se ao retiro, ao silêncio, à obediência; evitar a impaciência nas respostas, suportar as contrariedades e outras semelhantes. Elas se podem praticar com menor perigo de vanglória e maior merecimento, dispensando até a licença do diretor espiritual.

b) Exercício mais proveitoso, porém, será tomar, desde o princípio da novena, o propósito, de corrigir-se de algum defeito a que se é mais inclinado. Por isso é bom, por ocasião das visitas acima mencionadas, pedir perdão das culpas passadas, renovar o propósito de nunca mais cair, e implorar para esse fim o auxílio de Maria.

c) O obséquio mais agradável a Maria, entretanto, é a imitação de suas virtudes. Assim é bom, em cada novena, propormo-nos alguma virtude especial de Maria, a mais adaptada ao mistério que se celebra.

Por exemplo:

Na festa da Conceição, a pureza de intenção.

Na festa da Natividade, a renovação do espírito.

Na Apresentação, o desapego daquilo a que nos sentimos mais presos.

Na Anunciação, a humildade e o amor dos desprezos.

Na Visitação, a caridade para com o próximo, fazendo esmolas, ou pelo menos rezando pelos pecadores.

Na Purificação, a obediência aos superiores.

Na Assunção, a prática do desapego, fazendo tudo como preparação à morte, e aplicando-nos em viver cada dia como se fosse o último da vida.

Desse modo as novenas produzirão grandes resultados.

d) Muito recomendável é a comunhão frequente, e mesmo diária, durante a novena. Dizia o padre Segneri, que não podemos honrar melhor a Maria, do que por meio de Jesus. A Virgem, segundo o padre Crasset, revelou a uma alma santa, que não se lhe pode oferecer coisa mais cara do que a santa comunhão, porque é aí que o Salvador colhe nas almas os frutos de sua Paixão. É claro, pois, que a Santíssima Virgem nada deseja mais de seus devotos, que os ver receberem a santa comunhão.

e) Finalmente, no dia da festa, depois da comunhão, é preciso oferecermo-nos ao serviço dessa divina Mãe, pedindo-lhe a virtude que nos propusemos na novena, ou alguma outra graça especial. E é bom escolher cada ano, entre as festas da Virgem, uma para a qual nos prepararemos com maior fervor. Nesse dia então de novo nos consagraremos de um modo mais especial ao seu serviço, elegendo-a por Senhora nossa, Advogada e nossa Mãe. Então lhe pediremos perdão das negligências cometidas em seu serviço, durante o ano findo, com a promessa de maior fidelidade para o ano vindouro. Pedir-lhe-emos, finalmente, que nos aceite por servos, e nos alcance uma santa morte.

EXEMPLO

Quantas conversões não se têm visto, devidas a uma simples Ave-Maria, a um obséquio devoto à Virgem Santíssima! Contam-se inúmeros exemplos edificantes e impressionantes. Quanto é preciosa a devoção a Maria ainda que mínima! Nos dias da Revolução francesa havia um monstro em carne humana que se chamava Laly, capitão da nau Deux Associees, que era uma espécie de prisão flutuante, na qual se trucidavam sacerdotes e religiosas perseguidas pela Revolução. Não se podem ler sem horror as infâmias e crueldades praticadas por este bandido nos dias do Terror. Suas mãos haviam se manchado do sangue de inúmeros sacerdotes e mártires da Revolução. Homem mau, viciado, uma fera humana. Todos fugiam dele horrorizados. Passaram-se os dias da Revolução e no começo do século XX, Laly já velho e doente caiu numa miséria extrema com toda a família. Viu-se abandonado. Um sacerdote compadeceu-se do miserável e o foi procurar cheio de bondade tentando convertê-lo e a fim de ajudá-lo naquela extrema pobreza e abandono. Laly não podia nem sequer sair à rua, porque o povo o odiava e ameaçava matá-lo em praça pública. Neste miserável estado, se achava o pobre pecador, e desesperado, respondia ao Capelão do Hospital, que se interessava pela sua conversão, com injúrias grosseiras e torpezas indignas. Parecia um caso desesperado e perdido.

Todavia uma manhã contra toda expectativa viu-se o infeliz sair de casa e procurar a igreja. Ajoelhou-se ante o Altar da Virgem Santíssima, humilhado, arrependido, em pranto convulso. Não era mais o mesmo homem. Confessou arrependidos seus enormes crimes, e recebeu absolvição. Que teria se passado naquela alma? Declarou ao confessor:

“Meu padre, sempre guardei, embora no meio dos meus crimes, uma devoção a Maria Santíssima. Nunca passei um só dia sem recitar uma Ave-Maria que prometi rezar toda minha vida, à minha mãe antes da morte”

A Ave-Maria o salvou.

ORAÇÃO FINAL

† Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Amém.

Rogai, pois, ó Maria, e recomendai-me a vosso Filho. Vós melhor do que eu conheço as minhas misérias e necessidades. Que mais posso dizer-vos? Tende piedade de mim. Sou tão miserável e ignorante que nem sei conhecer e pedir as graças que mais necessárias me são. Mãe e Rainha minha dulcíssima, pedi por mim, e impetrai-me de vosso Filho as graças que sabeis mais convenientes e necessárias para minha alma. Nas vossas mãos todo me entrego, pedindo apenas à Divina Majestade que, pelos merecimentos de Jesus, meu Salvador, me conceda as graças que para mim solicitais. Vossas súplicas não conhecem repulsas: são súplicas de Mãe junto de um Filho que tanto vos ama, e se compraz em fazer quanto lhe pedis, para assim vos honrar mais e mostrar-vos ao mesmo tempo o grande amor que vos tem. Senhora, façamos este contrato: quero viver fiado em vós inteiramente; a vós compete cuidar da minha salvação. Amém.

† Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Amém.





AULA 34

A BOA INTENÇÃO

Orações iniciais, descritas no início do conteúdo desta disciplina.

Sumário: Realizar todas as ações com uma intenção pura e centrada em agradar a Deus, é o que consiste na boa intenção. Existe uma diferença entre ter a intenção de alcançar bens temporais, espirituais ou simplesmente satisfazer a vontade de Deus. A última é a mais perfeita. A intenção correta, portanto, é a alma das nossas ações e é fundamental para que estas sejam realmente meritórias. Veremos quais são os sinais de uma boa intenção, como não buscar elogios e manter a paz diante dos resultados. Até as menores obras ganham grande valor quando feitas para a glória de Deus.

NOÇÕES PRELIMINARES



Podemos ter diversas intenções nas nossas ações virtuosas, todas elas mais ou menos boas. Primeiramente, podemos praticá-las com a intenção de alcançarmos de Deus bens temporais; podemos, por exemplo, dar esmolas, mandar celebrar Missas, jejuar para nos vermos livres de uma doença, de uma calúnia ou de outros males temporais. Essa intenção é boa, suposto que estejamos conformados com a santíssima vontade de Deus, porém menos perfeita, porque seu objeto é ainda todo terreno.

Podemos então praticar uma boa obra para satisfazer a justiça divina pelas penas merecidas por nossos pecados, ou para obtermos de Deus bens espirituais, como virtudes, merecimentos ou uma maior glória no céu. Esta intenção já é muito mais perfeita do que a primeira.

Podemos, também, nas nossas obras, ter a única intenção de agradar a Deus e cumprir com Sua santa vontade. Esta intenção é geralmente chamada a boa ou pura intenção; ela é a mais perfeita e, ao mesmo tempo, a mais meritória, porque, quanto mais nos esquecemos de nós mesmos, no bem que praticamos, mais Deus pensa em nós e nos cumula de graças. Ele mesmo o revelou certa vez a Santa Catarina de Sena: “Pensa em mim, minha filha, e eu pensarei em ti”. Com isso queria Ele dizer: “Procura unicamente agradar-Me e eu cuidarei de teu progresso na virtude, da vitória sobre teus inimigos, de tua perfeição e glória eterna”.

Quem só tem em vista, em todas as suas ações, o beneplácito de Deus, imita em verdade o amor dos santos no céu, pois estes nada mais desejam senão o que agrada a Deus e mais se

alegram com a felicidade de Deus que com a própria, segundo São Tomás (*De beatit.*, c. 7). Conforme isso, a alma que se esquece de si de tal forma que age, não para que Deus esteja satisfeito com ela, mas “unicamente para que sua ação agrade a Deus, age da maneira mais perfeita possível”, diz São Bernardino (*De divers.*, s. 103).

Aqui deve-se notar que é melhor e mais seguro praticar as obras com a intenção de cumprir com a vontade de Deus do que com o fito de promover a glória de Deus, porque, assim, se evitam todos os enganos do amor-próprio. Sob o pretexto do zelo pela glória de Deus, não raramente se satisfaz o amor-próprio; procurando-se, porém, unicamente cumprir com a vontade de Deus e fazer só aquilo que lhe é mais agradável, nunca se pode errar.

Devemos também estar convencidos de que não podemos prestar maior honra a Deus do que fazendo Sua santa vontade. Por esse motivo, o divino Salvador tinha sempre a intenção de realizar a vontade de Deus, seu Pai, em tudo que fazia, como Ele mesmo o declarou, dizendo (*Jo 5, 30*): “Não busco a minha vontade, mas a d’Aquele que me enviou”.

SUMA IMPORTÂNCIA DA BOA INTENÇÃO

Devemos ter sempre em vista que a boa ou má intenção com que se faz uma ação torna-se boa ou má diante de Deus. “*Se teu olhar for simples, teu corpo inteiro será lícido*”, diz o Salvador (*Mt 6, 22*); “*se teu olho for mau, todo o teu corpo será tenebroso*”. Os Santos Padres, por esse olho, entendem a boa intenção, e pelo corpo a ação. Jesus Cristo quer, pois, dizer: “*Se nossa intenção é simples, isto é, se não visamos outra coisa senão o beneplácito de Deus, toda a nossa ação é boa e brilha em pureza celestial; sendo, porém, má a nossa intenção, isto é, tendo em vista um outro fim menos bom, toda a ação é má*”. A boa intenção é, pois, a alma de nossas ações; ela dá-lhes a vida e seu verdadeiro valor.

O cristão devoto, aqui na terra, aspira unicamente a agradar a Deus. Essa aspiração alegra o coração de Deus e abrasa-o em amor por tal alma, que lhe faz dizer: “*Feriste o meu coração, minha irmã, minha esposa, feriste meu coração com um de teus olhos*” (*Ct 4, 9*). Esse olho da santa Esposa, isto é, da alma que ama a Deus, significa o único fim que ela tem em todas as suas ações e pensamentos, a saber, o agrado de Deus.

Os mundanos consideram as coisas com diversos olhos, isto é, têm em seus atos diversos fins desregrados, como agradar aos homens, conquistar um nome, ajuntar riquezas ou, ao menos, satisfazer sua vontade própria. Os Santos, ao contrário, têm um só olho para, em todas as coisas, só verem o agrado de Deus; sem interrupção dizem, com Davi (*Sl 72, 25*): “*Que, tenho eu no céu? E, fora de vós, que desejo eu na terra?... Deus de meu coração, e minha partilha é Deus para sempre*”. **Por isso não basta praticar boas obras; devemos praticá-las bem.**

Nossas obras só então serão perfeitas e santas, quando praticadas com a intenção de agradarmos a Deus. Assim procedia o divino Salvador de quem diz o Evangelista: “*Ele fez tudo bem*” (*Mc 7, 37*).

Aos olhos dos homens uma obra sobe em valor à medida do trabalho que custou; diante de Deus, porém, o valor de uma ação é tanto maior quanto mais perfeita é a intenção que se teve em vista porque, como diz a Escritura, o homem olha para a obra exterior, “*Deus, porém,* 268 | Ensino Religioso

vê o coração” (1 Rs 16, 7), a saber, a vontade com que foi feita a obra. Haverá coisa mais bela do que sofrer o martírio e oferecer a Deus o sacrifício de sua própria vida pela verdadeira fé? E, contudo, diz o Apóstolo (1Cor 13,3): *“Se desse meu corpo para ser queimado e não tivesse a caridade, nada me aproveitaria”*. *“Não são os tormentos e a morte que constituem o martírio”*, diz Santo Agostinho (In ps. 31, en. 2), *“mas a intenção e o fim pelo qual se padece”*. O real Profeta exclama (Sl 65, 15): *“Oferecer-vos-ei holocaustos com medula”*. Alguns fazem a Deus sacrifícios, mas sem medula, isto é, sem a intenção de agradar-lhe: tais sacrifícios Deus não aceita. *“Deus recompensa nossas ações conforme o grau de pureza de nossa intenção”*, diz Santa Madalena de Pazzi.

Vendo o Salvador uma pobre viúva lançar dois reais no gazofilácio³⁷, disse a seus discípulos: *“Na verdade vos digo que esta pobre viúva deu mais que todos os outros”* (Mc 12, 43). Segundo São Cipriano, Nosso Senhor disse isso para nos mostrar que Ele não olha tanto para a obra, como para o amor e a intenção com que ela é feita.

“Nunca te tenhas em vista em qualquer de tuas ações, ó alma cristã” (Santo Afonso Maria de Ligório). Queres saber o que faz aquele que, em suas ações, se busca a si mesmo, fazendo-as para ser louvado ou para encontrar nisso qualquer satisfação? Ele procede, segundo o profeta Ageu (1,6), como um que lança a recompensa recebida por seu trabalho em um saco furado, isto é, ele perde todo o seu merecimento.

Por isso nos recomenda o divino Salvador (Mt 6, 1): *“Guardai-vos de fazer vossas obras diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles”*, porque se assim procederdes, vos responderei, quando uma vez me pedirdes vossa recompensa: *“Já recebestes o louvor que procuráveis, que mais quereis?”*.

Devemos renunciar a tudo, mesmo aos exercícios espirituais, quando Deus quer que nos dediquemos a outras ocupações³⁸. Diz-se isso visando especialmente os que se perturbam quando têm de deixar suas devoções por causa da obediência ou da caridade. Uma tal perturbação não vem certamente de Deus, mas, ou do demônio ou do amor-próprio. Agradar a Deus, mesmo que nos custe a vida, esta é a suprema máxima dos santos.

Se, portanto, estiveres à mão com trabalhos que te foram impostos pela caridade, obediência ou decoro, não te queixes de que não podes empregar na oração esse tempo, como era teu desejo.

Estando uma vez o Pe. Baltasar Álvarez muito ocupado e desejando ver-se livre para se dar à oração, ouviu o Senhor dizer-lhe: *“Desde que não podes estar perto de mim, debes te contentar que eu me sirva de ti”*.

SINAIS DA BOA INTENÇÃO

O primeiro sinal da boa intenção consiste em não te inquietares quando a obra

³⁷ *Gazofilácio* é um termo que vem do grego *“gazophylakion”*, que significa *“cofre do tesouro”* ou *“depósito de riquezas”*. Na Bíblia, ele se refere a uma caixa ou cofre no Templo de Jerusalém onde os fiéis depositavam suas ofertas e esmolas para o serviço religioso e para sustentar os necessitados.

³⁸ Neste caso, aplica-se principalmente quando se está sob ordem superior — dos religiosos, dos cônjuges, etc.

começada não dá o resultado esperado, mas em conservares a paz como se tivesses alcançado o teu fim. Gozarás certamente dessa paz de coração se em tuas ações só tiveres a Deus em vista, porque, nesse caso, logo que vires que Deus não quer a tua obra, também tu não a queres mais, sabendo que não deves examinar se ela deu resultado, mas unicamente se a empreendeste com o fito de agradar-lhe.

O segundo sinal da boa intenção consiste em te alegrares do que os outros fazem, como se tu o tiveras executado, pois, para quem busca unicamente a glória de Deus é inteiramente igual se ela é promovida por outro ou por ele mesmo.

O terceiro sinal consiste em não procurares em tuas obras nem aplauso nem agradecimento e em não perderes a paz, mesmo quando fores repreendido e maltratado por causa delas, na certeza de que alcançaste teu fim único, isto é, agradar a Deus.

Quando, porém, fores louvado por outros por qualquer coisa e te sentires tentado a te comprazer nesse louvor, não precisas te esforçar muito em combater essa tentação com atos contrários; é melhor que a desprezes simplesmente e digas com o Beato João d'Ávila a teu amor-próprio: *“Chegas mui tarde, já ofereci minha obra a Nosso Senhor”*. Além disso, quando praticares uma boa ação, como orar assiduamente, levar uma vida recolhida, praticar a mortificação, dar um bom exemplo aos demais, e o fizeres unicamente por Deus, o temor de ser visto ou louvado não deve te impedir de a levar a cabo. Nosso Senhor mesmo quer que os outros vejam nossas boas obras, para que elas os excitem a imitação e deem honra a Deus. Isso atesta o divino Salvador, dizendo: *“Brilhe vossa luz diante dos homens, para que vejam vossas boas obras e glorifiquem vosso Pai que está nos céus”* (Mt 5, 16).

Cuidemos, pois, unicamente de fazer tudo com uma boa intenção, e, se a vaidade desperta, imitemos a São Bernardo, que, sentindo-se, durante uma prática, tentado à vaidade, expeliu-a de si, dizendo: *“Não comencei a pregar por tua causa e, por isso, também não concluirei por tua causa; não tenho outra intenção senão agradar a Deus”*. *“Se procurarmos agradar unicamente a Deus”*, diz Santa Teresa, *“Ele nos dará a força para vencermos qualquer tentação de vaidade”* (Vida, c. 10).

GRANDE MERECIMENTO DAS MENORES OBRAS FEITAS POR DEUS

É certo que Deus não exige grandes coisas de nós; Ele só quer que o pouco que lhe damos seja dado com a devida disposição. Se tua caixa³⁹ é pobre para poder dar alguma coisa a Deus, diz São Agostinho (*In ps 103*), possuis em tua vontade um tesouro que te põe em estado de oferecer alguns presentes a Deus, bastando que faças o que tens de fazer, com a intenção de agradar-lhe. Ouçamos as amáveis palavras que o Senhor dirige a cada um de nós: *“Põe-me como um selo sobre teu braço e como um selo sobre teu coração”* (Ct 8,6), isto é, se quiseres agradar-Me, faze de Mim o único objeto de todos os teus desejos e ações. De onde nos aconselha o Apóstolo: *“Ou comais ou bebais, ou façais qualquer outra coisa, fazei tudo para a glória de Deus”*.

³⁹ Ou gazofilácio.

A venerável Beatriz da Encarnação, primeira filha espiritual de Santa Teresa, dizia: *“Não se pode pagar com todos os tesouros do mundo a menor obra que se faz por Deus”*. E isso é inteiramente verdade, porque todas as obras feitas pela glória de Deus são atos de amor, aos quais está prometida uma recompensa eterna. Compenetrado disso, dizia o Pe. Rodríguez que a boa intenção é uma arte celeste de fabricar ouro, que transforma o ferro em ouro, pois as mais simples ações, como comer, dormir, trabalhar, divertir-se etc., transformam-se no ouro da santa caridade, quando são executadas por Deus. Por isso Santa Maria Madalena de Pazzi dizia que quem fizer tudo com pura intenção, se dirige diretamente para o céu, sem passar antes pelo purgatório.

Ao acordar, ofereça a Deus todas as ações do seu dia, unindo-as ao que Jesus fez na terra, pois isso é muito agradável a Deus. Deves renovar essa boa intenção no começo de cada ação ou, ao menos, de cada obra importante, como quando te queres dar à oração ou à meditação, receber a santa comunhão, ouvir a Santa Missa, começar tuas ocupações, pôr-te à mesa e recrear-te etc. Diz então, ao menos interiormente: *“Senhor, não quero com isto buscar minha satisfação própria, mas cumprir unicamente com Vossa santa vontade”*.

Narra o Pe. Saint-Jure que um piedoso eremita tinha o costume de levantar os olhos para o céu antes de qualquer trabalho e permanecer assim por algum tempo. Perguntaram-lhe um dia o que fazia em tais momentos, e ele respondeu: *“Procuro assegurar-me de um bom tiro”*. Queria dizer que, assim como o atirador visa bem o alvo para dar à seta a direção conveniente, assim também devemos dirigir, antes de nossas ações, nossa vista para Deus, para lhes assegurar seu valor sobrenatural.

Aqueles que fazem por Deus tudo o que fazem, *“enchem uma longa carreira”*, conforme a expressão do Sábio (Sb 4,13). Por uma longa carreira cheia se entende a que foi toda consumada de um modo agradável a Deus; pelo contrário, vazia é a existência daqueles que não empregam seus dias no serviço de Nosso Senhor. Por isso diz o Salmista: *“Os pecadores não chegarão à metade de seus dias”* (Sl 54, 24).

Examina, pois, todas as tuas ações, alma cristã, e vê se foram verdadeiramente puras, isto é, sem mistura de amor-próprio e feitas unicamente por Deus. Se achares que teu modo de agir não procede da intenção de agradar a Deus, cuida para que ao menos no futuro o seja. Assim terás a dita de ouvir, da boca do Senhor, na hora da morte: *“Eia, servo bom e fiel, porque foste fiel no pouco”*, praticando todas as tuas ações com a intenção de me agradar, *“te constituirei sobre o muito”*, recompensando-te com bens infinitos e eternos.

ORAÇÃO FINAL

† Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Amém.

Lembrai-vos (São José)

Lembrai-vos, ó puríssimo Esposo da Virgem Maria,

meu doce protetor São José,
que jamais se ouviu dizer que alguém
tivesse invocado a vossa proteção,
implorado vosso socorro
e não fosse por vós atendido.
Com esta confiança venho à vossa presença
e a vós fervorosamente me recomendo.
Não desprezeis a minha súplica,
ó Pai adotivo do Redentor,
mas dignai-vos acolhê-la piedosamente. Amém.

Lembraí-vos

Lembraí-vos, ó puríssima Virgem Maria,
que nunca se ouviu dizer que algum
daqueles que tenha recorrido à Vossa proteção,
implorado a Vossa assistência e reclamado o Vosso socorro,
fosse por Vós desamparado.

Animado eu, pois, de igual confiança,
a Vós, Virgem entre todas singular,
como a Mãe recorro, de Vós me valho,
e, gemendo sob o peso dos meus pecados,
me prostro aos Vossos pés.
Não desprezeis as minhas súplicas,
ó Mãe do Filho de Deus humanado,
mas dignai-Vos de as ouvir propícia
e de me alcançar o que Vos rogo. Amém.

† Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Amém.

